PRODUTO 04

RELATÓRIO DE ANÁLISES E DESCOBERTAS

ARIES
Agência Recife para Inovação e Estratégia

10 DE MAIO DE 2021

OXY.SOCIAL

FICHA TÉCNICA

REALIZAÇÃO

ARIES - AGÊNCIA RECIFE PARA INOVAÇÃO E ESTRATÉGIA

Diretor Presidente:	Marcos Baptista
Diretora Administrativo-Financeira:	Mariana Pontes
Coordenação de Projeto:	Pedro Mazzarolo e Daiane Rafael

PESQUISA

OXY.SOCIAL | PESQUISA & DESENVOLVIMENTO

Rua da Aurora, 325, Sala 1101
Boa Vista - Recife - PE
Site: http://oxy.social

Coordenação Geral:	Rafael dos Santos F. Sales
Coordenação Quantitativa:	Rafael dos Santos F. Sales
Coordenação Qualitativa:	Fernanda Meira de Souza
Redação	Rafael Sales, Fernanda Meira, Juliana Cíntia e João Felipe Marques
Revisão Técnica	Pedro Z. Malavolta
Pesquisadoras Quali:	Fernanda Meira e Juliana Cintia
Pesquisadores/as Quanti:	Eliazar Marques de Souza Junior, Flaviane Maria de Jesus, Iêda Virgínia Valeriano, Jully Karla de Lima Neves, Lorena Cronemberger, Maiara de Jesus Ribeiro, Marcio Adriano Botelho de Almeida.
Logística e supervisão de campo:	Aline Juliana da Silva Omar e João Felipe Marques

LISTA DE GRÁFICOS E TABELAS

Figura 1 - Localização geográfica das áreas pesquisadas (Buriti, Brasília Teimosa e Lagoa Encantada) _____ 9

Figura 2 - Cronograma Realizado de Pesquisa de Campo _____ 16

Figura 3 - Pirâmide etária das cuidadoras _____ 24

Figura 4 - Distribuição de renda das cuidadoras _____ 24

Figura 5 - Tipos de vínculo entre crianças e suas cuidadoras (geral e por comunidades) (%) _____ 25

Figura 6 - Distribuição percentual por faixa etária das crianças cuidadas _____ 26

Figura 7 - Distribuição do número de filhos sob os cuidados de cada cuidadora _____ 26

Figura 8 - Onde você despeja o lixo da sua casa? (%) _____ 27

Figura 9 - Hábitos em relação ao manejo do lixo (%) _____ 28

Figura 10 - Na sua visão, o contato com a natureza no seu bairro é...(%) _____ 29

Figura 11 - As crianças de 0 a 6 anos sob seus cuidados já participaram de alguma atividade de participação ativa na exploração, observação ou valorização da paisagem local? Quais? (%) _____ 29

Figura 12 - Pensando no lugar que você mais frequenta no seu bairro para lazer com as crianças de 0 a 6 anos, como você avalia os seguintes itens? Existência de: (%) _____ 30

Figura 13 - Para você, quais os três principais problemas que impedem você e sua família de usar os espaços da comunidade? (%) _____ 31

Figura 14 - Frequência de uso dos espaços públicos do bairro _____ 32

Figura 15 - Qual a frequência de utilização destes espaços públicos do seu bairro? _____ 36

Figura 16 - Os moradores do bairro sentem-se seguros brincando com as crianças na rua (%) _____ 37

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO ____ 6

1. CONTEXTO TERRITORIAL E SOCIAL DA PESQUISA ____ 9

1.1. Brasília Teimosa ____ 10

1.2. Lagoa Encantada ____ 12

1.3. Buriti ____ 13

2. MÉTODO ____ 16

2.1. Observação ____ 16

2.2. Grupos Focais ____ 17

2.3. Entrevistas ____ 19

2.4. Survey ____ 20

2.5. O Contexto da Pandemia ____ 21

3. DESCOBERTAS ____ 24

3.1. Quem são os/as cuidadores/as e de quem cuidam? ____ 24

3.2. Como gerenciam o seu próprio lixo? ____ 26

3.3. Como se relacionam com a natureza? ____ 29

3.4. Como brincam as crianças de 0 a 6 anos? ____ 31

3.5. O que sabem sobre primeira infância e sua importância? ____ 38

3.6. Como as crianças interagem com os pais? ____ 39

3.7. Como o Programa Mais Vida nos Morros é visto? ____ 41

3.8. O MVNM sob a ótica de quem o faz ____ 42

4. O QUE APRENDEMOS E PARA ONDE PODEMOS IR? ____ 47

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS ____ 51

6. ANEXOS ____ 52

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

O presente documento exibe o relatório final das pesquisas para o Programa Mais Vida nos Morros, realizadas pela OXY.SOCIAL, detalhando os achados e inferências realizados a partir dos dados encontrados no trabalho de campo, conforme especificado no Contrato de Nº 09/2020: serviços de planejamento e execução de pesquisas quantitativa e qualitativa, com o objetivo de diagnosticar comportamentos em crianças na primeira infância e em seus cuidadores em 3 (três) territórios beneficiados pelo Programa Mais Vida nos Morros, bem como comportamentos dos servidores do Programa, no âmbito do Projeto FBvL BRA 2019-029.

O Objetivo Geral, portanto, delineado em Edital, foi o de "entender comportamentos relacionados ao bem-estar das crianças de 0 a 6 anos de idade e seus cuidadores, assim como o comportamento da equipe que trabalhou com esses grupos". Buscou-se, assim, identificar hábitos e práticas sociais em relação a 4 temas específicos:

a) Autogerenciamento do lixo: comportamento dos moradores sobre despejo de lixo.
b) Brincar com crianças de 0-3: o brincar na rua.
c) Brincar com pais: como incentivar as crianças a brincarem com os pais?
d) Cultura da primeira infância: conhecimento dos cuidadores sobre a importância dessa cultura.

A partir disto, buscou-se investigar fatores sociais e situacionais que possam ajudar a compreender tais dimensões, com foco no auxílio da construção estratégica do Programa Mais Vida nos Morros, em Recife-PE.

Conforme explicitado em Produtos anteriores, o trabalho consistiu em (a) construção de um Plano de trabalho, (b) desenho e validação dos Instrumentos de Pesquisa junto à contratante, (c) realização da Coleta de Dados e sistematização do *corpus* de pesquisa e, por último, (d) construção do Relatório Analítico. Dessa maneira, apresentamos a seguir os caminhos metodológicos do trabalho empírico realizado, bem como os resultados encontrados e as recomendações construídas a partir das etapas anteriores.

O PROGRAMA MAIS VIDA NOS MORROS

O Mais Vida nos Morros é uma política pública da Prefeitura do Recife que executa a qualificação de moradias, intervenções de paisagismo, além da implementação de áreas de lazer e convivência nos morros da cidade. Seu foco é promover o engajamento e desenvolvimento sustentável para os morros da cidade do Recife a partir do protagonismo e engajamento dos próprios moradores, proporcionando o crescimento da autoestima, do orgulho, da sensação de pertencimento e de uma nova relação com a cidade.

Tendo em vista a necessidade do monitoramento para ampliação do Programa, que já é implementado em 45 territórios do Recife, a presente Consultoria foi contratada para planejar e executar pesquisas quantitativa e qualitativa que ajudem a entender e melhorar o impacto do Programa. Dessa forma, a trabalho foi desenvolvido a partir da elaboração e realização de *survey*, entrevistas e grupos focais, além da observação direta nas três localidades estudadas, para criação de um banco de dados e análise.

O objeto em estudo pela pesquisa centraliza-se na primeira infância, seus cuidados e utilização do espaço público, na idade que corresponde de 0 aos 6 anos de idade. O destaque no desenvolvimento sadio da primeira infância torna-se necessário devido às evidências científicas diretas de benefícios de uma rotina de brincadeiras nessa faixa etária e dos malefícios de sua falta.

Por exemplo, a correlação entre a falta de uma infância com brincadeiras suficientemente adequadas com problemáticas ligadas à obesidade, diabetes e questões de saúde mental demonstrada por Whitzman et al. (2009). Já de uma perspectiva de saúde física, os efeitos do aumento de infâncias sedentárias já são percebidos, como no caso australiano, em que mais de 80% dos jovens não cumprem o mínimo de atividades físicas regulares e 25% dos jovens entre 2 a 17 anos encontram-se em situação de obesidade ou acima do peso (AIHW, 2018).

Além dos malefícios de crianças possuírem vidas sedentárias, são notados benefícios no exercício das atividades de brincadeiras na coordenação motora (Fjortof, 2001), consciência, habilidades de raciocínio e observação (Pyle, 2002), imaginação e noções de empatia (Moore, 1996). Em adição, o brincar na infância também possui correlações positivas no que se refere aos resultados de saúde mental e senso de autocontrole (Gray, 2011).

Dessa forma, torna-se prioritário enxergar a primeira infância como o epicentro do desenvolvimento das principais capacidades motoras, cognitivas e físicas do indivíduo, que são necessárias para boas relações nos ambientes familiar, trabalho, dentre outras relações.

Entretanto, as intervenções na primeira infância não se concentram apenas nas crianças. Tendo em vista que jovens nessa faixa etária possuem uma dependência maior da figura do cuidador, torna-se necessário, por conseguinte, criar um ambiente estável, saudável e estimulante para quem cuida das crianças (Guia Urban95, 2019).

A partir da visualização de realidades urbanas onde cada vez mais jovens vivem em apartamentos, em espaços inadequados para brincadeiras ou em locais de grande adensamento urbano e pobreza, é necessário encontrar alternativas para que o desenvolvimento dessas crianças sinta cada vez menos os efeitos negativos da falta dessas atividades, incrementando formas de realizá-las em seus locais de moradia e convívio.

Dessa forma, a realização da presente pesquisa buscou contribuir para o processo de elaboração de mudanças no Programa Mais Vida nos Morros no tocante à primeira infância, com o intuito de detalhar a visão dos moradores sobre cada processo do Programa, o que eles esperam para as suas comunidades, em que estágio estão as intervenções já realizadas, e como podem ser ainda melhores.

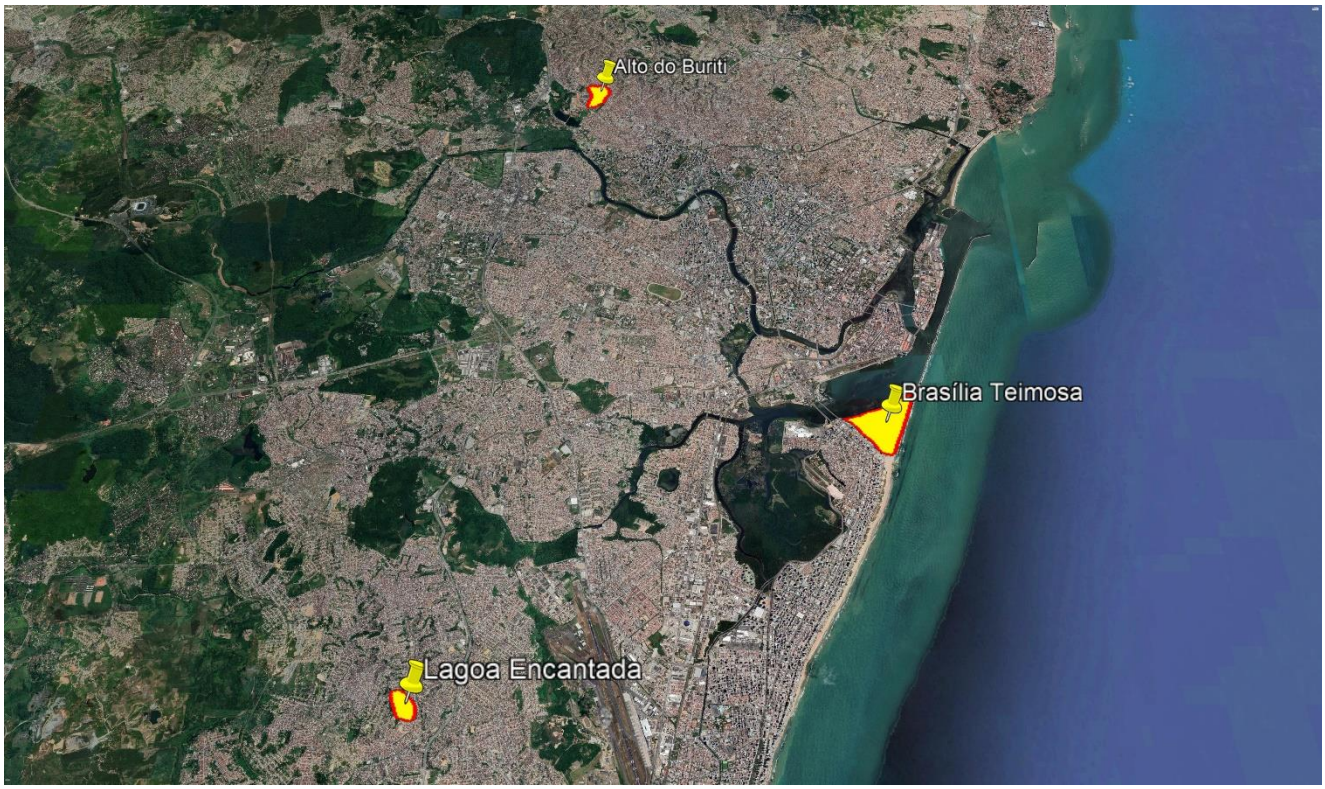
CONTEXTO TERRITORIAL E SOCIAL DA PESQUISA

1. CONTEXTO TERRITORIAL E SOCIAL DA PESQUISA

O Programa Mais Vida nos Morros (MVNM) é uma iniciativa que tem como característica realizar transformações urbanísticas de caráter tático em territórios periféricos da cidade do Recife, dando acesso as populações residentes destes territórios a oportunidades de lazer, espaços de convivência e/ou ressignificando espaços degradados das localidades, fazendo com que se tornem funcionais. Para atender este objetivo, o Programa possui um desenho fluido, no sentido de entender e adaptar suas soluções de acordo com as características de cada localidade. Cada intervenção tem características singulares, que se referem às necessidades e possibilidades de desenvolvimento do projeto, ainda que haja uma "assinatura" do Programa, que faz com que o MVNM deixe sua marca por onde passa.

Ao longo desta sessão, iremos apresentar características de cada localidade pesquisada. Todas receberam intervenções do MVNM a e apontam singularidades e desafios a partir das diversas maneiras como a presença do Programa se desenvolveu em cada lugar. Esta contextualização é fundamental enquanto referência para o desenvolvimento das análises da dinâmica de realização da pesquisa em cada comunidade, para compreender aspectos do trabalho desenvolvido pelo Programa em cada lugar, e as redes de relações estabelecidas entre o Programa e cada território. Veremos a seguir uma caracterização das três comunidades onde foram desenvolvidas as estratégias de coleta de dados da pesquisa, a saber, os bairros do Buriti, Lagoa Encantada e Brasília Teimosa.

Figura 1 - Localização geográfica das áreas pesquisadas (Buriti, Brasília Teimosa e Lagoa Encantada)



Antes de seguirmos para a contextualização de cada localidade se faz necessário compreender a natureza singular das intervenções realizadas pelo MVNM em cada território, pois além do contexto de cada território elas também refletem o processo de amadurecimento e consolidação do Programa.

Neste sentido, é importante ressaltar que as ações desenvolvidas no Buriti se apresentam enquanto um estágio de experimentação do Programa em relação ao uso de diferentes materiais, estratégias de ação, desenvolvimento de atividades e parcerias. Em Lagoa Encantada, por outro lado, percebemos o amadurecimento e consolidação da identidade do MVNM, bem como das estratégias de construção de diálogo com a comunidade e consolidação das parcerias e mudanças propostas pelo projeto executado, vemos lá um Programa executado de forma a incorporar os aprendizados das experiências anteriores. Por fim, em Brasília Teimosa é nítido os desafios estratégicos impostos pelo contexto de pandemia da Covid-19, que afetou diretamente a dinâmica do Programa no bairro e demandou a reconfiguração de todas as ações planejadas.

1.1. BRASÍLIA TEIMOSA

Mapa com os locais de intervenção do programa - Brasília Teimosa

Localizada na Zona Sul do Recife, o bairro da Brasília Teimosa é banhado pelo Oceano Atlântico, por um lado, e pelo Rio Capibaribe, por outro. Deste modo, residem ali muitos pescadores e coletoras de frutos do mar, como ostras, mariscos entre outros. Trata-se de um bairro que possui uma história de intensas lutas da comunidade pela manutenção de suas formas de viver e ocupar o território frente às grandes pressões imobiliárias e comerciais. Possui esse nome pois surgiu no mesmo período da construção da capital federal e sua teimosia em permanecer no local reflete um histórico de organização social que se mantém enquanto característica da comunidade. Essa capacidade crítica e grande senso de identidade são elementos marcantes de Brasília Teimosa e refletem em sua relação com o Programa que, nesta localidade, é rebatizado como “Mais Vida Teimosa”, demarcando as especificidades locais. Ter essa relação com a identidade local é, de fato, um aspecto positivo para a construção de vínculo entre o MVNM e a comunidade. Mas, por outro lado, ela carrega uma carga simbólica implícita, uma vez que, os moradores de Brasília Teimosa fazem questão de pontuar uma diferença e distância em relação aos morros. Isso tem origem em uma visão destas localidades como áreas precárias e violentas e há

uma necessidade de se afastar destas imagens a partir da compreensão de que há um esforço de Brasília Teimosa em se constituir como uma área turística.

Feita esta ressalva inicial, é importante destacar que a atuação do MVNM neste território é demarcada pelo contexto da pandemia da Covid-19. Isso tem impactos diretos na execução de diversas ações do Programa, havendo inclusive a interrupção das atividades durante o período do pico de contágio da doença na região metropolitana. Outra questão a ser destacada em relação a esta comunidade é a amplitude territorial abarcada pelas ações do Programa, que se encontram localizadas em pontos extremos e não estando focalizadas em um determinado trecho do bairro, como acontece em Lagoa Encantada e Buriti. Isso tem um lado positivo, no sentido de contemplar mais áreas do bairro, contudo comparece como um desafio no sentido de dimensionarmos os impactos alcançados e a percepção dos moradores sobre a atuação do Programa no bairro.

No momento que as observações foram realizadas muitas das áreas a serem contempladas ainda não tinham recebido intervenções em função da paralisação por conta da pandemia. Isso fez com que os moradores não tenham condições de reconhecer a presença do MVNM no bairro, visto que, as ações não tiveram um caráter de presença sistemática e as oficinas não puderam ser realizadas da forma como normalmente são pensadas pelo Programa. Além disso, as intervenções de pintura, que são um chamariz visual e compõem a dinâmica de presença do Programa numa localidade, estão pensadas, em Brasília Teimosa, numa perspectiva exógena, ou seja, elas estão projetadas para a visão de fora, não alcançado esteticamente o cotidiano do bairro. As pinturas foram feitas na orla do rio que fica visível para quem passa pelo Cais José Estelita, ou para quem transita de barco. Isso significa que a maior parte do bairro não tem um contato visual cotidiano com estas intervenções.

Em resumo, o grande desafio em Brasília Teimosa está na elaboração de alternativas estratégicas de intervenção, tendo em vista o contexto de pandemia no qual estamos, e como estabelecer vínculos e relações sem essa presença física, fazendo com que o Programa seja reconhecido pelos moradores. Para além disso, existe o desafio da dispersão das ações no território que dificultam uma visão do todo. Como criar uma identidade que faça com que as pessoas percebam que as intervenções na Praça Teimosinho e no Espaço de Convivência da Vila de Pescadores fazem parte do conjunto de ações do Programa? Isso demanda estratégias de comunicação direcionadas para o estabelecimento de relações de diálogo e fluxo de informações voltadas especificamente para as comunidades atendidas.

1.2. LAGOA ENCANTADA

Mapa com os locais de intervenção do programa - Lagoa Encantada

É uma das várias localidades na populosa COHAB, situada na zona sul do Recife. No passado, a Lagoa Encantada foi conhecida como Ibura de Cima, precisamente por conta da sua geografia em vários níveis. As casas seguem os morros e os acessos são realizados por rampas, ladeiras e escadarias.

O conjunto de intervenções realizados pelo MVNM em Lagoa Encantada demonstra um amadurecimento da equipe e da concepção do Programa, no sentido de ter consolidado os objetivos principais como, por exemplo, o cuidado com a primeira infância. Esse objetivo se encontra muito presente em toda extensão que foi transformada pelo MVNM nesta comunidade, desde a praça até toda a extensão da escadaria e da rua São João.

Em Lagoa Encantada observamos uma intervenção bem-sucedida no sentido da incorporação do projeto no cotidiano da comunidade uma vez que os espaços foram apropriados pelos moradores que dão continuidade ao cuidado e preservação das intervenções. Isso também é exemplificado pela conservação da limpeza. Em toda extensão onde o projeto atuou não há presença de pontos de acúmulo de lixo, como acontecia anteriormente. Esta transformação da relação com o lixo é um dos pontos destacados por uma das moradoras locais como uma mudança muito significativa realizada pela intervenção do Programa. Ao lado da casa dela existia um ponto crítico de acúmulo de lixo que gerava diversos problemas para as famílias do entorno e afetava inclusive seu trabalho como costureira, uma vez que sentia vergonha de trazer suas clientes para serem atendidas em sua residência. Essa situação mudou completamente a partir da atuação do Programa que transformou esse local e hoje, tanto esta moradora quanto os vizinhos, não precisam mais conviver com acúmulo de lixo próximo às suas casas.

Mesmo considerando que a ação do MVNM neste território foi bem-sucedida achamos importante pontuar os desafios que permanecem em uma região de morro. Em alguns pontos por onde o projeto passa vemos encostas e barreiras que apresentam risco de desabamento. Isso se apresenta enquanto o conjunto de desafios que atravessam a ação do MVNM e vão muito além do escopo de sua atuação, mas que constitui um imperativo acerca da necessidade de intervenções de outras áreas como defesa civil, habitação, entre outras, na comunidade. Isso demonstra a necessidade de que o Programa se articule institucionalmente com as outras secretarias municipais uma vez que sua inserção nas comunidades revela outras necessidades locais de que demandam atenção do poder público.

1.3. BURITI

Mapa com os locais de intervenção do programa - Buriti

O bairro do Buriti é uma comunidade que se insere em uma territorialidade específica do Recife. Ele está situado na Zona Norte da cidade, em continuidade ao que informalmente é chamado de “Grande Casa Amarela”, que é um perímetro composto por comunidades como o Alto José do Pinho, Morro da Conceição, Alto do Pascoal, além

do próprio bairro de Casa Amarela. O complexo formado por estes bairros comporta uma dinâmica sociocultural que caracteriza e organiza o cotidiano da Zona Norte do Recife, tendo como um grande demarcador a Festa de Nossa Senhora da Conceição que, ao longo de pouco mais de uma semana, afeta a dinâmica de todas as comunidades atravessadas pela Avenida Norte. Além disso, a territorialidade desta parte da cidade faz com que seus moradores compartilhem experiências singulares e desafios específicos, pois estamos falando de um território demarcado pela existência de vários morros, sendo o Buriti um destes locais atravessados por uma geografia desafiadora.

Ocupar e permanecer nestas comunidades demonstra a capacidade de realização e o acúmulo de conhecimentos necessários para conviver com inúmeros riscos de natureza física (como deslizamento ou desmoronamento de barreiras) e social que seus moradores possuem. Intervir com sucesso nestes territórios depende da capacidade de reconhecimento e interação com as dinâmicas traçadas por estes conhecimentos locais.

Ao chegar no Buriti, a primeira coisa que domina nossa atenção são as inúmeras áreas de barreiras cobertas por lonas pretas, indicando a convivência destes moradores com os riscos de desabamento e a luta histórica em torno da necessidade de intervenção pública nos pontos críticos do bairro. Essas lonas pretas contrastam com o colorido do trecho onde as intervenções do Programa MVNM foram realizadas na parte alta do bairro.

Com exceção das intervenções realizadas na praça da rua Regina e as que se encontram ao longo do Muro da CELPE, a atuação do MVNM nesta comunidade se deu prioritariamente na extensão da encosta do morro, que compreende a escadaria Cristina Tavares e as áreas de seu entorno. Uma característica marcante dessa intervenção é que suas ações se localizam de modo endógeno na comunidade, mas ao mesmo tempo são bastante visíveis a observadores externos, por estarem em um ponto elevado. Então, há uma comunicação interna e externa da presença do MVNM na comunidade que consideramos um demarcador forte das características deste projeto, e que se interliga com uma linha de atuação do Programa, aquela se revela como sua assinatura, que é transformar a identidade visual das áreas por onde passa, alterando a paisagem local tanto para os moradores quanto para pessoas de fora.

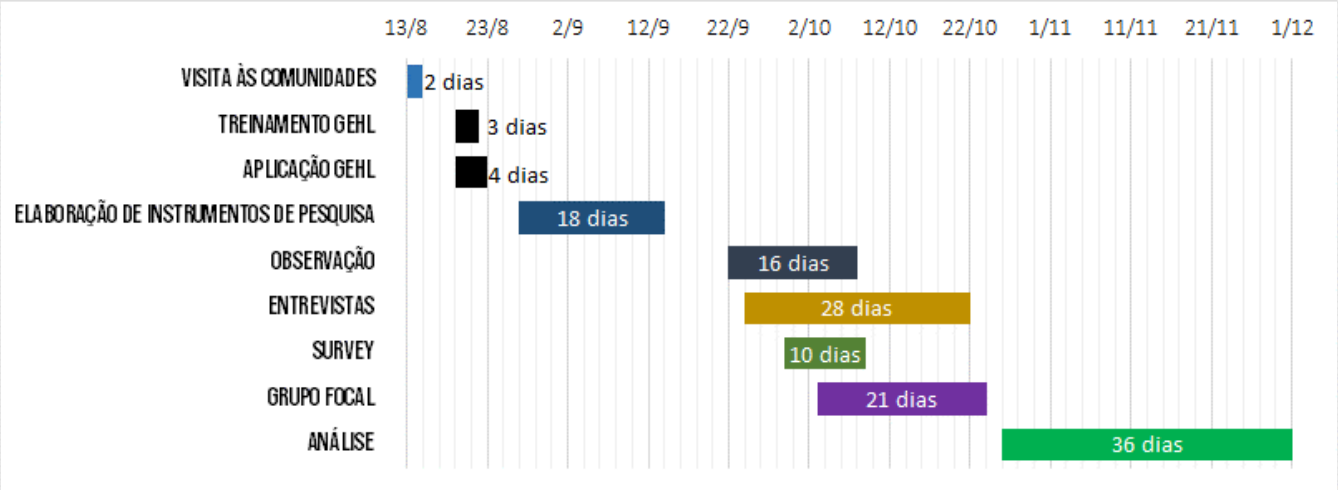
A configuração territorial do Buriti torna o acesso aos locais de intervenção do MVNM desafiante, pois eles se encontram dispersos em uma determinada área em torno da escadaria Cristina Tavares. As questões de acesso se dão em diversas dimensões: desconhecimento em relação ao local e quais seriam os melhores pontos de acesso e trajeto; condições de trânsito na comunidade, tendo em vista que somos pessoas de fora o que chama atenção dos moradores; e desconhecimento acerca da localização de algumas intervenções específicas.

MÉTODO

2. MÉTODO

Para responder às diferentes questões, a pesquisa utilizou métodos quantitativos e qualitativos. Na parte qualitativa, as técnicas utilizadas foram a observação, numa perspectiva etnográfica, entrevistas semiestruturadas e grupos focais. Na parte quantitativa foi realizado um *survey* presencial. Este desenho metodológico qualitativo, articulado à iniciativa quantitativa de coleta e análise de dados, oportuniza a formação de um conjunto de achados de pesquisa cuja riqueza ultrapassa amplamente o recorte do presente relatório, possibilitando aprofundamentos e diferentes abordagens acerca dos dados produzidos. As datas de realização das etapas constam no cronograma abaixo.

Figura 2 - Cronograma Realizado de Pesquisa de Campo



Após a aprovação de nossa proposta, iniciamos os diálogos com a equipe da Aries e colaboradores, o que compôs uma etapa inicial importante da pesquisa e teve caráter exploratório. Nessa etapa exploratória, ouvimos Pedro Mazzarolo (Aries), Tulio Ponzi (Secretaria-Executiva de Inovação Urbana), Marina Pinheiro (Consultora), sobre histórico e experiências do Mais Vida nos Morros, pesquisamos documentos disponibilizados, os perfis nas redes sociais e o site do Mais Vida nos Morros. Foi na etapa exploratória que fizemos as primeiras visitas no campo. Fomos duas vezes em cada comunidade (Brasília Teimosa, Lagoa Encantada e Buriti) acompanhados da equipe da Aries. Na primeira visita, fomos realizar o contato inicial, conhecer as intervenções e algumas lideranças comunitárias. Neste momento também identificamos sujeitos estratégicos para o trabalho. Na segunda visita fomos identificar prováveis locais para realização dos grupos focais. Ao mesmo tempo, começamos a construção dos instrumentos de pesquisa: roteiros de observação, roteiros de entrevistas, roteiros de grupos focais, e questionário do *survey*. Em todas as nossas incursões ao campo fizemos registros fotográficos a fim de auxiliar a composição dos diários de campo, a sistematização e a análise dos dados[1].

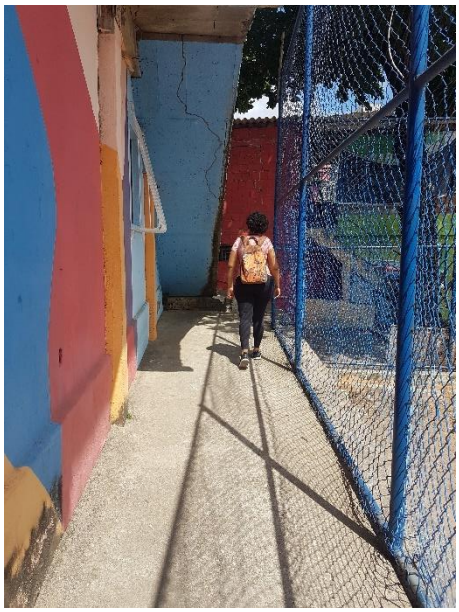
2.1. OBSERVAÇÃO

A observação consistiu na ida e permanência de duas pesquisadoras de nossa equipe nas três localidades, nos três turnos (manhã, tarde e noite), com o objetivo de compreender a dinâmica de uso dos espaços, a relação das

[1] Todos os arquivos produzidos ao longo da coleta de dados estão disponíveis para consulta e análise no Produto 03.

pessoas com os locais de intervenção do Programa, a presença ou ausência de crianças fazendo uso das áreas de lazer, bem como aspectos relativos à conservação do ambiente, conforto térmico, presença ou não de lixo, iluminação, entre outros. Dessa forma, foram avaliadas questões como: horários de pico e queda de presença nos espaços públicos, perfil das pessoas que frequentam os espaços, formas de uso e ocupação dos espaços, potencialidades dos espaços, dificuldades e entraves para utilização, entre outros pontos. Parte dos dados coletados na observação está contida na presente análise, dialogando com as outras técnicas. No entanto, dada a robustez e riqueza do que foi observado, recomendamos fortemente a leitura dos diários de campo, dos relatórios de observação e a planilha de observação, contidos no Produto 3. Embora façam parte do *corpus* de pesquisa qualitativa, são documentos cuja construção em si é analítica.

Como na Brasília Teimosa e na Lagoa Encantada já tínhamos identificado pessoas da comunidade para nos dar suporte enquanto estivéssemos circulando pela comunidade, esses dois territórios tiveram menos obstáculos para as pesquisadoras. No entanto o Buriti se mostrou delicado. As lideranças apontadas pela equipe da Aries e pela equipe do Mais Vida Nos Morros não se disponibilizaram para nos apoiar em campo. Seja porque não moram mais no Buriti, seja porque trabalham o dia inteiro. O que nos referimos à obstáculo é o fato de que fazer observação em um território "estranho" é preciso que os pesquisadores e as pesquisadoras se certifiquem da hospitalidade da comunidade.



Não é segredo que nesses bairros existe uma parcela da população ligada a ações criminosas que podem ser hostis com forasteiros. No nosso caso, as forasteiras eram nossas pesquisadoras. Ser visto com lideranças e moradores pelo território pode nos garantir um trânsito mais seguro e também que as pessoas se sintam à vontade na interação conosco. Na Brasília Teimosa, Maria Monteiro, do Clube de Mães, e Edson Constantino, morador antigo da Vila Teimosinho, fizeram esse papel de mediar nossa relação com a comunidade. Na Lagoa Encantada, D. Mariazinha, costureira, Jaciara, embaixadora do Mais Vida nos Morros, e Seu Edmilson, comerciante da área também nos deram esse suporte. No Buriti só tínhamos Irmão Adilson, que apesar de dizer que era "só ligar", nunca atendia ao telefone. No Buriti tivemos que chegar sem referências locais. Acionamos os homens que se reúnem para tomar bebida alcoólica na praça da quadra de areia. Eles nos indicaram D. Telma, uma liderança comunitária, e também a diretora da Escola Municipal Fernando Sampaio, Professora Edvânia.

2.2. GRUPOS FOCAIS

Realizamos, ao todo, seis grupos focais (dois por comunidade) que tiveram como foco a escuta de cuidadoras de crianças entre 0 e 6 anos de idade acerca da percepção sobre o Mais Vida nos Morros, mas também sobre relação com a natureza, autogestão do lixo, brincar na rua, brincar com os pais e a importância da primeira infância. Na mobilização para os grupos, tentamos contemplar homens e mulheres de várias idades que fossem responsáveis pelo cuidado com as crianças. No entanto, dos cerca de 60 participantes, apenas 1 (um) era do sexo masculino.

Fixamos como máximo 10 participantes, tanto por conta da pandemia do coronavírus, quanto pela qualidade da discussão.

Os dois primeiros grupos foram na Brasília Teimosa (um de manhã e outro à tarde) e realizados na Escola Municipal Umberto Gondim. Após avaliar outros lugares da comunidade, optamos por essa escola pela receptividade da diretora e seu engajamento com as questões comunitárias. Além disso, o espaço possibilitava um ambiente separado para a profissional de recreação contratada pudesse ficar com as crianças e, assim, garantir que as mães aproveitassem a discussão. Maria Monteiro, presidente do Clube de Mães, foi fundamental para a operacionalização do grupo. Também colaborou com a mobilização de participantes. Além dela, nossa equipe identificou e contactou participantes através do cadastro do Mais Vida nos Morros e dos contatos realizados pelas pesquisadoras no dia da Observação. A participação foi bem interessante. No grupo da manhã, tivemos maioria convocada a partir do cadastro e dos contatos das pesquisadoras. Elas se mostraram reticentes com a presença de Maria Monteiro. Quando esta se ausentou, elas se sentiram mais à vontade em se expressar e esclareceram que havia algumas divergências políticas com a líder comunitária. No grupo da tarde, Maria Monteiro se fez presente todo o tempo e apesar de muito boa discussão, foi menos efusiva que o grupo da manhã. Nos dois grupos tivemos a presença, como ouvinte, de Rebecca Dantas, técnica da Secretaria-Executiva de Inovação Urbana. Consentimos sua participação porque na Brasília Teimosa ela ainda não era muito conhecida. Ao contrário do Buriti e da Lagoa Encantada.

Os dois grupos da Lagoa Encantada foram realizados numa única tarde. Tomamos esta decisão primeiro porque era muito mais difícil adesão das pessoas pela manhã e também por conta do sol. Na Lagoa Encantada utilizamos “varanda brincante” em frente da casa de uma moradora bastante atuante nos mutirões do Mais Vida nos Morros. A Lagoa Encantada foi onde tivemos mais obstáculos para conseguir um lugar para realização das reuniões. A primeira opção era no estacionamento da Defesa Civil, mas o local se mostrou inviável porque teríamos que compartilhar o espaço com motocicletas e com os próprios trabalhadores do órgão em seu horário de descanso. Sendo assim, articulamos para que a moradora cedesse o espaço, que foi bastante resistente por conta do período de eleição. Houve uma negociação e um esforço de argumentação para tranquilizá-la de que não faríamos um evento de campanha política. Foi armado um toldo e cadeiras foram dispostas em frente à casa dela, e ali fizemos os grupos. A moradora, inclusive, ficou bastante surpresa com a presença de tanta gente para participar. Ela havia nos alertado que ia ser muito difícil fazer esse grupo porque as pessoas lá estavam cansadas de falar sobre o bairro e que não iria ninguém. Para nosso alívio, ela estava enganada.

A notícia que estávamos fazendo uma “reunião” que teria uma recreadora e lanche fez aparecer uma quantidade de crianças impressionante. Em torno de 30 crianças circularam pela escadaria da Cesar Montezuma. Nossa recreadora, Marina, ficou na pracinha com as crianças das mães participantes. Realizou atividades nos brinquedos, de desenho e pintura. Consideramos o ocorrido um indicador interessante da carência de atividades no local. Somente a existência da praça e do passeio brincante não parece ser suficiente para atrair as crianças. Fizemos um grupo também num sábado. E a diferença de movimentação foi impressionante. Fomos interrompidos por algumas crianças perguntando o que estava acontecendo e se era algo para elas. A recreação

e o lanche (um sanduíche, um suco e uma fruta) foram a sensação do dia para elas. Havia crianças de todas as idades. Mas as que nos abordaram tinham entre 8 e 11 anos. As menores de 6 anos estavam com as mães participantes. A pandemia não foi um obstáculo, no entanto, as crianças não usavam máscaras.

Os dois grupos do Buriti também foram realizados no período da tarde. A Associação de Moradores do Buriti, na Rua Ida, foi o espaço cedido pelo seu presidente, Irmão Adilson. Tivemos dúvida se faríamos na Associação, que fica na parte baixa do Buriti, ou se faríamos na escola municipal Fernando Sampaio, onde contávamos com o apoio da diretora Edvânia. Mas a escola fica na parte de cima numa zona limítrofe que já é considerada do bairro de Nova Descoberta. Cogitamos em fazer um grupo na escola e um grupo na associação para contemplarmos participantes da parte de cima e da parte de baixo. Optamos por não correr o risco com a mobilização dos moradores do Buriti, por haver desencontros e ruídos de comunicação. Apesar de ser um espaço amplo, a Associação foi onde tivermos o maior desafio para a realização dos grupos. Primeiro porque a acústica do lugar promovia muito ruído na discussão, o que prejudica também a gravação do áudio. E também porque lá a notícia de que faríamos um grupo que teria recreadora, lanche e ajuda de custo simbólica para as participantes, mobilizou uma grande quantidade de pessoas. Tivemos, infelizmente, que manter o limite de 10 participantes por grupo.

2.3.ENTREVISTAS

Realizamos 31 entrevistas com duas diferentes categorias de interlocutores. Foram 11 entrevistas com lideranças comunitárias, com o objetivo de investigar a percepção sobre o Programa Mais Vida nos Morros, a relação com a equipe do Programa, assim como conhecer um pouco da história e das necessidades dos bairros. Fizemos 20

entrevistas com a equipe de servidores da Prefeitura do Recife que trabalha no Mais Vida nos Morros, com o objetivo compreender a percepção do Programa, da relação com as comunidades. Para além do foco em construir uma compreensão sobre dos diversos aspectos dos territórios de intervenção do Programa, voltamos nosso olhar para as dinâmicas internas de execução do MVNM em direção à percepção das pessoas que compõem sua equipe técnica e materializam as ações desenvolvidas.

A mobilização para as entrevistas consumiu, de fato, maior parte do esforço. Pois para conseguir realizar as entrevistas foi preciso conseguir conciliar as agendas de cada entrevistado e entrevistada. Para as entrevistas da equipe tivemos uma ajuda preciosa de Valéria Silva, chefe de gabinete da Secretaria-

Executiva de Inovação Urbana do Recife, que conseguiu agendar a maior parte das entrevistas. Mesmo assim, devido ao intenso trabalho e agendas cheias, algumas entrevistas precisaram ser remarcadas mais de uma vez. Para as entrevistas com as lideranças, além das agendas, tão concorridas quanto às da equipe, tivemos que lidar com desconfianças pelo fato de estarmos fazendo a pesquisa em pleno período eleitoral. Algumas lideranças entendiam que as entrevistas estavam atreladas a alguma campanha política. Tivemos que usar de muita habilidade estratégica para contornar a situação. Houve, inclusive, uma entrevista que foi cancelada na hora e local marcado com o entrevistado. Este, que ao telefone e na visita com a equipe da Aries se mostrou extremamente disponível, mudou de ideia e não quis participar da pesquisa.

2.4. *SURVEY*

Em paralelo, foi operacionalizada a aplicação da pesquisa quantitativa, com 646 questionários preenchidos, fornecendo uma amostra robusta e representativa das comunidades sobre a relação dos cuidadores de crianças de 0 a 6 anos com os espaços públicos, além da cultura de sustentabilidade.

O questionário aplicado foi dividido nas seguintes seções: (a) Crianças e relação com cuidadores; (b) Usos dos espaços; (c) Avaliação dos Espaços; (d) Lixo e meio ambiente; (e) e avaliação do Programa Mais Vida nos Morros.

Antes da aplicação definitiva, ocorreu uma etapa de pré-teste para validação dos instrumentos de pesquisa, em que foram preenchidos 60 questionários e realizadas as modificações necessárias para a aplicação em maior quantidade e velocidade, de forma a facilitar a análise e a leitura dos dados.

Nessa primeira aplicação, ocorreram episódios de dificuldade devido à estratégia de alcance da população. Foi-se utilizada como base de alcance ao público-alvo a planilha de cadastro dos moradores impactados pelo programa. Entretanto, alguns dos moradores haviam se mudado e outros não estavam presentes no momento da aplicação, dificultando a conclusão das atividades.

Dessa forma, ficou estabelecido que a aplicação dos questionários teria uma abrangência maior do que as ruas planejadas inicialmente, abrindo o leque para regiões um pouco mais afastadas das intervenções, porém ainda dentro do seu raio de alcance.

A aplicação definitiva ocorreu nas três comunidades estudadas pela equipe (Brasília Teimosa, Lagoa Encantada e Buriti), entre os dias 29 de setembro e 09 de outubro de 2020, com amostras de tamanho proporcional ao alcance do programa em cada comunidade de acordo com o Termo de Referência. Em Brasília Teimosa, no entanto, a intervenção do MVNM ainda não foi finalizada, gerando um possível viés nas perguntas que se referem ao “antes e depois” da passagem do Mais Vida nos Morros.

2.5.0 CONTEXTO DA PANDEMIA

Fazer a pesquisa no contexto da pandemia nos trouxe, logo de início, duas questões. Uma é quanto à garantia de segurança de nossa equipe em campo, assim como a segurança das pessoas com as quais iríamos ter contato. A outra questão foi uma discussão, incialmente entre os integrantes da equipe, sobre se a pandemia incidiria muito no resultado dos dados. Afinal, estaríamos pesquisando sobre o Mais Vida nos Morros, ou sobre o Mais Vida nos Morros na pandemia. Em termos de subsídio para política pública isso faria muita diferença? No entanto, nossas inquietações foram dissipadas quando fomos ao campo. Primeiro porque nosso campo se intensificou, de fato, após o período de reabertura do comércio. Segundo, porque a maneira como as periferias do Recife têm lidado com a pandemia é menos rigorosa em relação ao isolamento social. A única diferença, de fato, que é perceptível, são as escolas estarem sem funcionar. Para irmos a campo, nos certificamos de prover toda a equipe com máscaras, álcool 70° e *face shields*. Já sabíamos que na periferia a adesão a esses utensílios não era muito forte. Antes da observação, fomos algumas vezes visitar as três comunidades. E, efetivamente, constatamos que quase ninguém usava máscara. Portanto, éramos, além das forasteiras com um carrinho de bebê vazio, as que nunca tiravam a máscara. Assumindo o risco, descartamos o uso do *face shield* (um escudo facial de acrílico), porque seria algo que nos colocaria uma distância quase instransponível com os prováveis interlocutores e sujeitos de nossa observação, uma vez que, o simples uso da máscara já era um demarcador de distanciamento.

Na Brasília Teimosa nem parecia haver uma pandemia. Poucas pessoas usam máscara. Nem mesmo os idosos, que são do grupo de risco. Maria Monteiro, liderança local, é uma das que tem tentado incentivar o uso da máscara, lembrando que o Clube de Mães tem mulheres que estão confeccionando o produto. Em uma das nossas visitas, encontramos um vendedor de amendoim, sem máscara, passando. Maria o cumprimentou, nos apresentou como o mais antigo vendedor ambulante da comunidade e deu uma máscara pra ele. E disse que era importante que ele usasse. Não sabemos se ela usa a máscara sempre, ou se a coloca apenas nos dias que vai nos encontrar. Um dos momentos tensos para as pesquisadoras em Brasília Teimosa foi almoçar em um dos poucos restaurantes em funcionamento em dia de semana. O estabelecimento fica na rua D e funcionava em um ambiente fechado, com ar condicionado e mesas muito próximas. Um grupo de homens com uniforme de uma empresa não identificada conversava tranquilamente sem máscara. A dona do restaurante e seus funcionários também estavam sem máscaras. Sabemos que, na gestão da crise na pandemia, um dos maiores desafios para os gestores públicos é fazer com que os bairros da periferia sigam as recomendações sanitárias. Obviamente, sabemos que há variáveis que são intransponíveis, como famílias numerosas vivendo em residências minúsculas, entre outras questões. Mas, observamos que o uso de máscara em Brasília Teimosa não é algo comum.

Assim como em Brasília Teimosa e na Lagoa Encantada, no Buriti nem parece que estamos passando por uma pandemia. Era muito raro ver alguém usando máscara. O que destacava nossa "forasteirice" na comunidade. A Lagoa Encantada foi o local que mais encontramos gente usando máscara. D. Mariazinha, moradora, colocou a máscara para nos receber. E usa quando vai para fora de casa. Ela, inclusive, produz máscaras. Nos falou da preocupação com a mãe que faz parte grupo de risco.

Para os grupos focais, preparamos toda uma estratégia para seguir os protocolos sanitários. Na Lagoa e em Brasília Teimosa, fizemos em local aberto. No Butiri, apesar de ser local fechado, não era climatizado, o espaço era amplo e foi possível distâncias as cadeiras. Limitamos o número de no máximo 10 participantes tanto pela pandemia como pela viabilidade de uma discussão mais profunda. Montamos o cenário dos grupos com álcool em gel e papel toalha abundantemente disponível. Disponibilizamos máscaras hospitalares descartáveis para todos os participantes. Porém, muitas mulheres chegaram ao local sem máscara, e só colocaram a máscara que

nós demos porque se sentiram constrangidas. Algumas manifestaram desconforto em usar máscara e disseram que no dia a dia não usavam. Tivemos uma mãe que se recusou a usar.

As crianças que víamos brincar na rua não usavam máscaras, assim como as mães e avós que eventualmente as supervisionavam. Entre os comerciantes e trabalhadores locais, eram poucos os que usavam máscaras. No entanto, prestadores de serviços públicos e privados (Emlurb, Correios, Celpe) usavam os equipamentos de proteção.

DESCOBERTAS

3. DESCOBERTAS

Conforme enfatizado através da apresentação do desenho metodológico desenvolvido ao longo desta pesquisa, conseguimos reunir um conjunto de dados diversificado acerca do universo pesquisado, que possibilita diferentes abordagens analíticas, exercícios de aprofundamento em características específicas ou sínteses voltadas a um olhar mais abrangente para os achados que os dados revelam.

Partindo de uma proposta que alia os conteúdos quantitativos aos qualitativos na composição de apontamentos de relevância, tanto para a compreensão das dinâmicas de consolidação das intervenções do Programa nos territórios quanto para uma aproximação acerca do ponto de vista daquelas pessoas que materializam as ações atuando no corpo técnico da iniciativa, buscamos destacar algumas descobertas que, de acordo com os padrões de coleta e análise de dados, se apresentam enquanto elementos estratégicos acerca das potencialidades, das fragilidades e necessidades de correção de rota no desenvolvimento do MVNM.

Ao longo desta seção iremos demonstrar como determinadas características socioculturais revelam semelhanças que, de certo modo, aproximam as realidades das comunidades pesquisadas, bem como características que revelam as suas singularidades e, em certa medida, estruturam as diferentes possibilidades de atuação do Programa em cada local. Também iremos destacar os pontos fortes nas estratégias de intervenção realizadas pelo MVNM dando ênfase aos aspectos que podem tornar as ações mais qualificadas e eficazes. Além disso, iremos apontar alguns pontos de atenção que demandam uma reflexão no sentido da construção de novos parâmetros de ação mais assertivos quanto ao contínuo aperfeiçoamento do Programa.

Os dados estão organizados em subseções seguindo os eixos principais que balizaram a construção dos instrumentais de coleta de dados e as análises dos achados de pesquisa.

3.1. QUEM SÃO OS/AS CUIDADORES/AS E DE QUEM CUIDAM?

O cuidado com as crianças na primeira infância é fundamental para o seu desenvolvimento físico, cognitivo e social. Porém, a quem cabe esse cuidado? Quem são as pessoas que estão cotidianamente envolvidas no cuidado das crianças, quais os desafios que elas enfrentam em suas rotinas e quais suas principais demandas no que se refere a estas questões.

Figura 3 - Pirâmide etária das cuidadoras

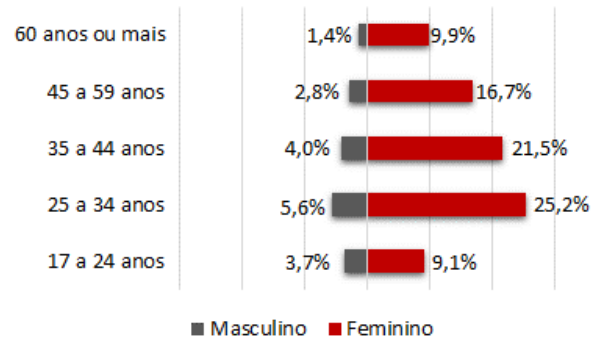
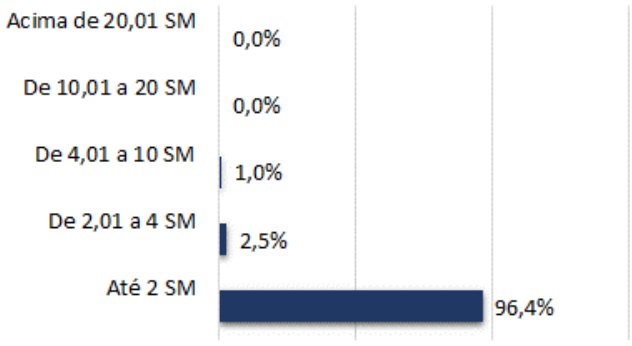


Figura 4 - Distribuição de renda das cuidadoras

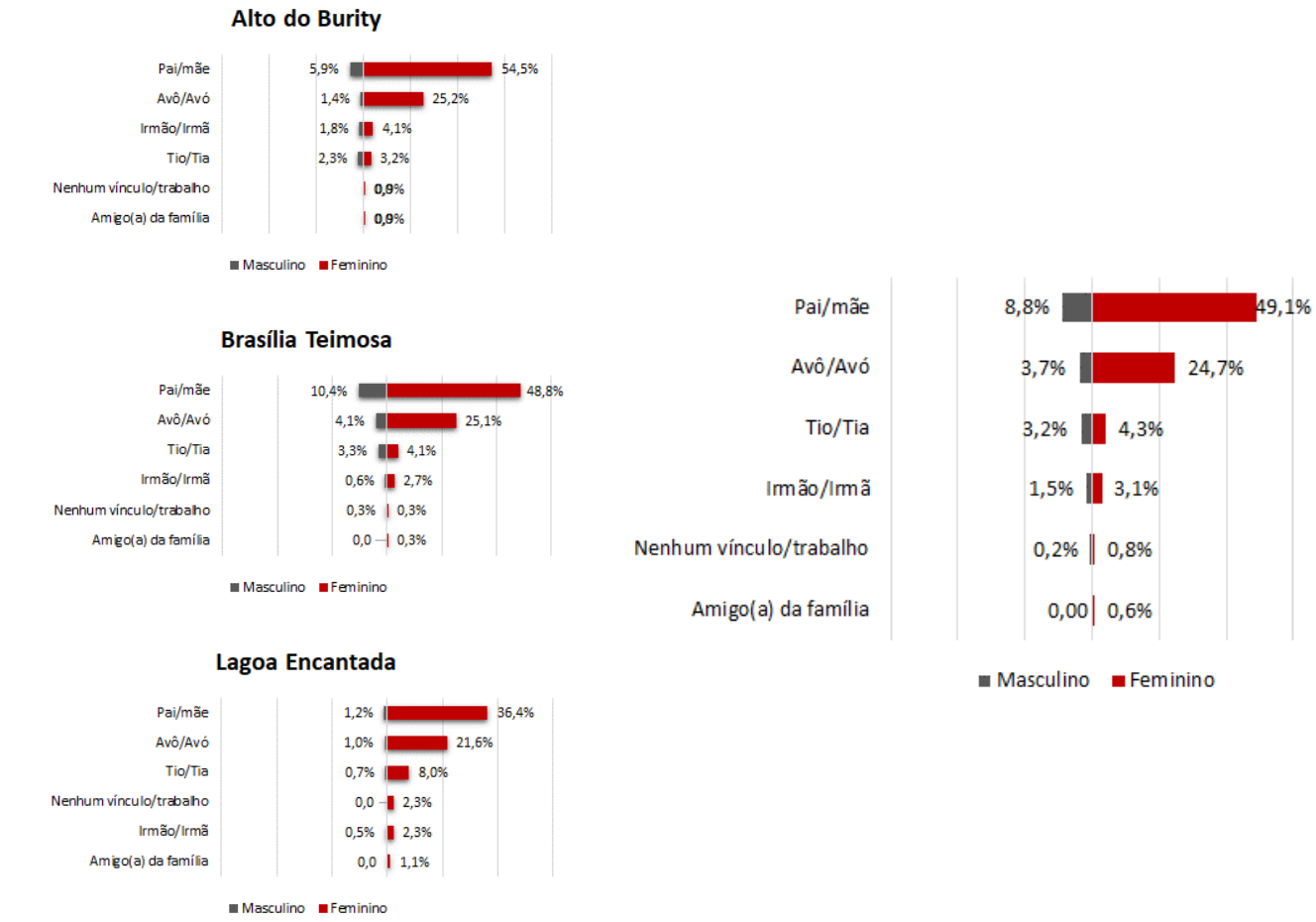


Os dados estatísticos, aliados aos dados qualitativos, confirmam uma tendência amplamente referida acerca do perfil das pessoas envolvidas diretamente no cuidado de crianças pequenas. Estas pessoas são, em sua ampla maioria mulheres (82,6%), que se dividem entre afazeres domésticos, criação de filhos e trabalho informal. Os homens, por sua vez, em apenas em 17,5% dos casos se responsabilizam pelo cuidados com as crianças, seja porque estão ocupados com atividades profissionais externas, seja porque não fazem parte da vida das crianças.

Essas mulheres possuem, principalmente entre 25 e 59 anos (63,5%) e tem uma renda inferior a dois salários mínimos (96,4%). Nesse contexto, consideramos que as comunidades pesquisadas são representativas não apenas das atividades do Programa Mais Vida nos Morros, mas também do padrão de vida e organização social das periferias da cidade[2]. Assim, o que se observa é um perfil de cuidadores/as formado principalmente por mulheres jovens, com acesso a pouquíssimo recurso financeiro, sem apoio dos homens.

Portanto, em função de constatarmos a prevalência feminina, enquanto pessoas responsáveis pelas tarefas relativas ao cuidado, especialmente no que se refere às crianças, optamos por nos referir a partir de agora pelo uso do gênero feminino quando tratarmos das nossas interlocutoras de pesquisa, na medida em que isso reflete um dado contundente acerca do universo pesquisado.

Figura 5 - Tipos de vínculo entre crianças e suas cuidadoras (geral e por comunidades) (%)



[2] Inclusive pelo tamanho da amostra coletada, que é estatisticamente suficiente para fazermos inferências para toda a cidade.

Quando olhamos especificamente para os tipos de vínculo entre as crianças e suas cuidadoras, os dados reforçam o protagonismo feminino, no qual as crianças são cuidadas principalmente por suas mães e avós (73,8%). Dentre os homens, a participação maior é dos pais e avôs (12,5%). Isso demonstra a força dos vínculos familiares mais próximos e sua centralidade na responsabilidade pelas tarefas e cuidado geral das crianças durante a primeira infância. Certamente isso não é novo, tampouco inusitado. Porém, destaca que na região é pouquíssimo comum as mulheres conseguirem repassar o cuidado a membros mais distantes da família (tios e tias, etc.) ou a pessoas com vínculo empregatício (babás, creches, etc.) e, quando o fazem, optam preferencialmente por mulheres.

Figura 6 - Distribuição percentual por faixa etária das crianças cuidadas

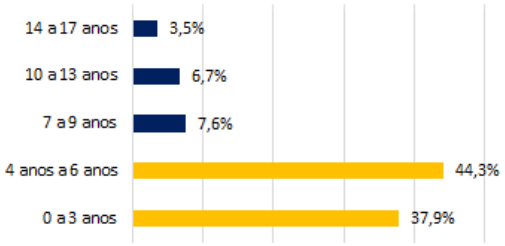
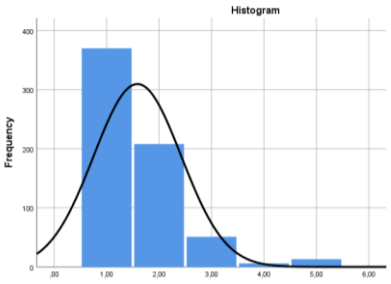


Figura 7 - Distribuição do número de filhos sob os cuidados de cada cuidadora



Média: 1,6 | Moda:1,0 |Desvio Padrão: 0,84

Em relação a 'de quem' cuidam, o que foi verificado é que **absoluta maioria das crianças está na primeira infância**, entre 0 e 6 anos (82,2%). Do total de crianças das comunidades, **2/5 estão na primeiríssima infância** (0-3 anos). As demais faixas etárias correspondem a apenas 17,8%. Isso aponta para uma **prioridade estratégica** das Políticas Públicas para dar conta de desafios específicos para da primeira e primeiríssima infância.

Além disso, os dados demonstram também que as mulheres têm geralmente entre 1 e 2 crianças sob sua responsabilidade, sendo raríssimos os casos de famílias com 4 ou 5 crianças. Esse ponto é particularmente importante porque contraria o argumento pejorativo e preconceituoso em torno de Políticas Sociais, que defende que pessoas pobres teriam mais filhos para ter acesso a mais recursos financeiros, como o Bolsa Família. Os dados mostram exatamente o contrário.

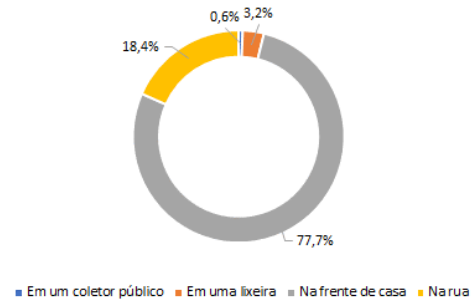
3.2. COMO GERENCIAM O SEU PRÓPRIO LIXO?

O tema da sustentabilidade e da gestão dos resíduos tem se tornado cada vez mais uma pauta de urgência dentro das agendas políticas. O modo de vida ocidental, caracterizado pelo alto consumo de recursos naturais, tem levado a degradação ambiental a níveis alarmantes. Em função disso, repensar nossa forma de consumir e lidar com os resíduos que geramos é uma questão fundamental e que deve se organizar dentro de processos amplos de debate e mudança de hábitos. A gestão consciente do lixo é um dos eixos da atuação do MVNM. Nesta sessão, vamos falar sobre as ações exitosas, bem como sobre a complexidade dos desafios enfrentados pelo Programa no que se refere a este tema.

A questão do lixo revela a complexidade associada a determinadas atitudes enraizadas nas práticas sociais. Os achados da pesquisa demonstram que o lixo é um tema delicado, um ponto de conflito que pode colocar os sujeitos em posições de vulnerabilidade no território. Para além dos riscos de conflito que essa questão pode gerar, as mudanças de mentalidade demandadas pela consciência na gestão dos resíduos domésticos passam por fatores amplos como ausência de acesso a serviços básicos, saneamento e condições dignas de moradia. É difícil incorporar o conceito de gestão responsável do lixo e as motivações para tal quando as condições de vida das pessoas as colocam em situações de precariedade e insalubridade.

Do ponto de vista da institucionalidade da questão do lixo, o que se observou foi uma a coleta ampla e regular nos bairros, sendo realizada diariamente. Inclusive, 95,5% dos respondentes informaram ter coleta do lixo em sua própria rua, sendo os principais locais de descarte "na frente de casa" e "na rua". De maneira que a distância para descarte dos resíduos é, com frequência, pequena.

Figura 8 - Onde você despeja o lixo da sua casa? (%)



Por outro lado, o descarte de lixo na frente de casa ou na rua, apesar da frequência da coleta, tem se demonstrado um problema comunitário sério. As pessoas, com frequência, demonstraram não saber os horários e dias exatos da coleta, colocando o lixo antecipadamente nos pontos de coleta. Como o descarte é tradicionalmente feito em sacolas plásticas, sem proteção de coletores fechados, é comum ver pontos de entulho e sacos rasgados por animais nos bairros. O que é ainda mais agravado pelo fato da coleta da cidade ser feita por coletores manuais, seja em caminhões, seja em carroças de tração humana(como é o caso de Brasília Teimosa). Isso traz problemas sanitários importantes e a solução envolve, por um lado, aspectos culturais em relação ao descarte (sensibilização sobre o horário, sobre descarte adequado, separação de lixo, etc.), mas também o provimento de estrutura adequada para disposição do lixo[3].

Exemplo de descarte inadequado no Buriti

Coleta manual realizada em ruas estreitas da Brasília Teimosa

Exemplo de carro coletor automatizado pequeno e adequado para ruas estreitas.

Numa outra chave de análise, é importante compreender também que, do ponto de vista das pessoas, os resíduos deixam de ser uma responsabilidade delas a partir do momento que saem da sua residência. É como se a partir do descarte (mesmo sendo na frente da sua própria casa) aquilo não fosse mais problema delas. Isso afeta o compromisso de, por exemplo, respeitar o horário da coleta, problema amplamente relatado nos grupos focais.

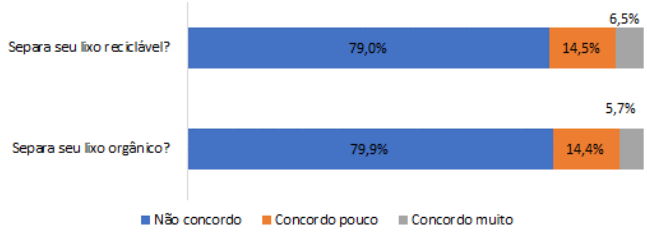
Um aspecto interessante, porém, observado em todos os locais é a ausência de lixeiras nos espaços públicos. As praças, áreas de lazer e locais de convivência observados não contam com lixeiras em seus arredores. Isso é visto como positivo pela população porque as lixeiras, ao invés de serem uma solução, tornam-se muitas vezes um problema, uma vez que podem acabar se tornando pontos de acúmulo de lixo em função do uso desordenado.

[3] Um caso emblemático é a cidade de Brigthon (Reino Unido), que disponibiliza o calendário de coleta de lixo orgânico e reciclável de cada rua da cidade (link), e fornece gratuitamente os coletores para os moradores(link). A padronização dos coletores permite ainda que a coleta não envolva contato direto dos trabalhadores com o lixo, através de sistemas mecanizados de inserção do lixo nos caminhões(exemplo).

Outro fator notado é referente à cultura de reciclagem, que é incentivada pelo Programa. Os moradores não visualizam os brindes dados a partir da entrega de objetos recicláveis como estimulantes o suficiente para inserir a coleta seletiva nos hábitos familiares. Vincular a adoção de mudança de hábitos a contraprestações pode ser um incentivo interessante, enquanto estímulo inicial, mas a longo prazo ela pode se tornar um condicionante, levando as pessoas a pensarem que só vale a pena ter determinada atitude caso receba algo em troca. Dessa forma, torna-se importante estimular uma cultura de reciclagem com ações regulares, e não episódicas com branda propagação.

As pessoas compreendem a lógica da coleta seletiva. Inclusive, cerca de 20% dos respondentes da pesquisa quantitativa informaram separar de alguma forma seu lixo, apesar de não existir coleta seletiva pública nas comunidades ou em locais próximos. São iniciativas dispersas de moradores que separam materiais recicláveis para entregar a catadores conhecidos. Caso haja um fortalecimento da presença de cooperativas de reciclagem nas comunidades isso torna a ação de separação de materiais algo com sentido no cotidiano local, porque há uma destinação adequada dos resíduos. Contudo, para que a prática seja consolidada precisa de motivações mais pragmáticas[4] e estar integrada a um planejamento em larga escala.

Figura 9 - Hábitos em relação ao manejo do lixo (%)



Por último, as ações individuais de coleta seletiva precisam estar articuladas com projetos de gestão do lixo que reflitam uma iniciativa contínua dos órgãos públicos. Não faz sentido a pessoa separar os resíduos em casa para as equipes de coleta recolherem e jogarem tudo na mesma caçamba do lixo. Adicionalmente, se faz necessário uma reflexão acerca das condições objetivas do MVNM para provocar mudanças de hábitos duradouras, tendo em vista a complexidade da questão da gestão do lixo, que demanda articulações intersetoriais de longa duração. Obviamente as iniciativas do Programa são estratégicas, principalmente se inseridas num plano mais amplo direcionado para esta questão, e não se trata de recomendar a descontinuação ações neste sentido, mas avaliar as capacidades a partir de uma visão global acerca de como a municipalidade vem lidando com a questão da gestão do lixo.

Nos grupos focais, ficou evidente o ponto de conflito que é a discussão sobre gestão de lixo entre vizinhos. Devido à insegurança presente nos bairros, o despejo inadequado do lixo pode ocasionar riscos reais aos moradores. Todavia, um ponto positivo percebido nas intervenções é a ação de criar jardins e áreas verdes nos antigos pontos de lixo. Em todas as comunidades pesquisadas que sofreram essa intervenção, houve efeitos positivos notáveis e o respeito, por parte dos moradores, às demarcações realizadas pelo Programa. Isso demonstra que há caminhos em direção às soluções, mas eles demandam investimento em ações continuadas e um engajamento da

[4] A Companhia Elétrica de São Paulo (Eletropaulo), por exemplo, oferece desconto na conta de energia para os clientes residenciais que entregam materiais recicláveis (papel, plástico, metal, vidro e embalagens TetraPak) nos pontos de coleta.

municipalidade em um plano de gestão dos resíduos sólidos que abarque essas questões, conforme ressaltado anteriormente.

Outro dado interessante é que na escuta qualitativa dos moradores (grupos focais, entrevistas, e interações nas observações), é quase unânime responsabilizar a própria população pela falta de um bom gerenciamento do lixo. Nas 3 comunidades, todo mundo reconhece que o serviço público de coleta de lixo (que não é seletiva) existe, é contínua e diária, inclusive aos domingos. As pessoas ouvidas se ressentem do comportamento da própria vizinhança, responsabilizando a população e não o poder público.

3.3. COMO SE RELACIONAM COM A NATUREZA?

Pensar o tema da relação com a natureza em uma metrópole, como é o caso de Recife, e mais especificamente nas áreas periféricas da cidade é um exercício desafiante, pois estamos lidando com um contexto onde a ocupação dos espaços representa um embate constante entre diferentes concepções acerca do que significa conforto, bem-estar e urbanização.

Estes conceitos têm significados bastante divergentes entre os diferentes perfis que se relacionam através da inserção do MVNM em um território. As referências trazidas pela equipe do Programa muitas vezes estão em choque com o que os moradores vivenciam e com o que eles têm como referência do que seria desejável. Deste modo, pensar as relações com a natureza em cada território demanda antes de mais nada exercitar uma sensibilidade para as práticas locais e uma disposição a estimular novas percepções e mudanças de compreensão acerca da natureza e nossa relação com ela.

De forma geral (todas as comunidades), 93% dos respondentes acreditam que o contato com a natureza é insuficiente. Chama à atenção o fato de 77,9% dos respondentes informarem "não sabe/não respondeu" sobre a participação das crianças na primeira infância em atividades de exploração, observação ou valorização da paisagem local. Isso indica, por um lado, que essas atividades não são reconhecidas por elas, não fazendo, portanto, parte do seu repertório de atividades possíveis para se fazer com as crianças, mas, por outro, também indica a reduzida disponibilidade de atividades de contato com a natureza das comunidades.

Nesse sentido, visitas ao zoológico são a principal atividade de contato com a natureza reconhecida e praticada.

Figura 10 - Na sua visão, o contato com a natureza no seu bairro é...(%)

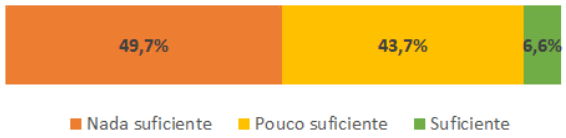
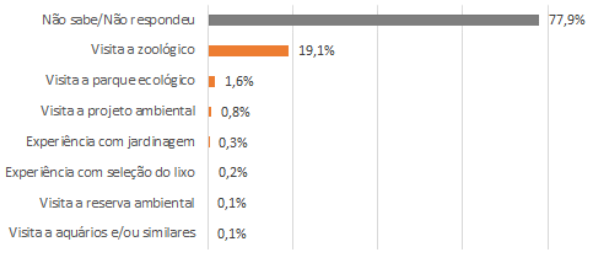


Figura 11 - As crianças de 0 a 6 anos sob seus cuidados já participaram de alguma atividade de participação ativa na exploração, observação ou valorização da paisagem local? Quais? (%)



O que desperta um alerta, tendo em vista a distância de parques dos bairros (e todas as implicações disso para o deslocamento com crianças menores), mas também para o distanciamento de atividades com a natureza do cotidiano das pessoas nos bairros.

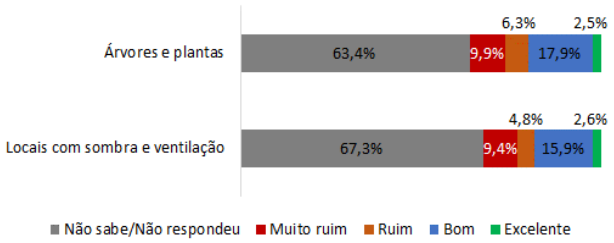
A questão da relação com a natureza é algo que não é problematizado pelas comunidades. De acordo com dados dos grupos focais, **as pessoas têm dificuldade em identificar a presença da natureza em seu cotidiano**. Esta

acaba sendo pensada como algo descolado de suas realidades. Isso ocorre mesmo em Brasília Teimosa, uma comunidade que se encontra geograficamente situada entre o rio e o mar, ou seja, é cercada por elementos naturais, que constituem, inclusive, a principal fonte de renda local.

Dentro do universo da pesquisa temos três realidades que demonstram formas distintas de relação com a natureza. Se em Brasília Teimosa ela está tão presente no cotidiano, como espaço de trabalho, a ponto de não ser percebida, no Buriti ela se encontra enquanto desafio, uma vez que, o contraste entre uma área verde bem cuidada e outra em situação de abandono é separada por alguns metros de distância. Por fim, Lagoa Encantada surge como um caso exemplar, onde a cultura local de cultivo de plantas foi incorporada de maneira sensível e estratégica no projeto do MVNM. Estes dados demonstram **a centralidade de uma escuta qualificada** e da **identificação de práticas locais** que podem ser incorporadas à intervenção do Programa **potencializando o alcance de seus objetivos.**

Por um lado, Programa se mostrou bastante eficaz na estratégia de trazer áreas verdes ao cotidiano das comunidades. Por outro, torna-se interessante equilibrar o uso de plantas nas intervenções com áreas verdes que gerem sombras naturais e conforto térmico. A avaliação das cuidadoras sobre esse item reforça o argumento anterior de que é algo não percebido pelas pessoas (acima de 60% não sabe sobre a presença de árvore e plantas nos locais frequentados). Contudo, quando analisamos os dados de deslocamento (GEHL, 2020), observa-se uma drástica diminuição dos deslocamentos de pessoas nos horários entre 11h e 15h, devido ao sol forte e ao calor.

Figura 12 - Pensando no lugar que você mais frequenta no seu bairro para lazer com as crianças de 0 a 6 anos, como você avalia os seguintes itens? Existência de: (%)



Outro aspecto importante sobre a estratégia do MVNM de estimular o contato com a natureza nos bairros se refere à sua premissa inicial. O argumento de criação de novas áreas verdes apenas em espaços públicos impede a criação de soluções que adentram as casas (Ex.: telhados verdes, jardins individuais, hortas). Dessa forma, incorporar conhecimentos locais se torna necessário para gerar essa participação e cuidado com as plantas. O desafio está sempre em como aliar as iniciativas domésticas de cultivo de plantas, já praticadas por alguns moradores (principalmente mulheres idosas e de meia idade), às propostas trazidas pelo Programa para áreas públicas. Neste sentido temos alguns exemplos exitosos que funcionam nas comunidades como Brasília Teimosa e Buriti, onde há, por parte de alguns moradores, o hábito de cultivo de plantas na frente de casa, e as varandas-jardim de Lagoa Encantada, que são uma ótima apropriação da cultura local de relação com a natureza por parte da intervenção do MVNM.

Um outro elemento a ser considerado acerca da percepção da comunidade sobre a relação com a natureza tem a ver com o adensamento urbano. Essa é uma questão que afeta todas as áreas metropolitanas e, levando em consideração o universo desta pesquisa, é uma questão central para Brasília Teimosa visto que se encontra situada em um território de grande interesse imobiliário, onde as pressões são cotidianas. Dentro desta dinâmica há uma **naturalização da paisagem sem verde** e a **incorporação de determinados padrões de urbanização** que são compostos pela intensa verticalização e a **ausência de verde e espaços abertos integrados aos espaços de circulação e a paisagem nas áreas públicas**. O adensamento em Brasília Teimosa tem limitado cada vez mais o espaço, eliminando quintais, árvores e espaços abertos. Os nichos de natureza foram aos poucos se tornando

áreas construídas para acomodar os novos arranjos familiares e isso foi limitando a continuidade de iniciativas de cultivo de plantas que já são hábitos consolidados nestas comunidades sendo, inclusive, relatados durante os grupos focais como saberes repassados entre as gerações de mulheres das famílias.

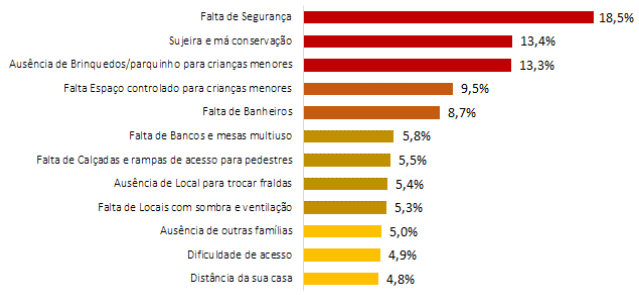
3.4. COMO BRINCAM AS CRIANÇAS DE 0 A 6 ANOS?

Traçando um panorama geral, verificamos que, para as cuidadoras, a brincadeira saudável depende de uma mobilidade segura para adultos e crianças. Em consequência, as calçadas e vias acessíveis são desafios nas periferias. Além disso, devido à falta de uma estrutura adequada que permita diferentes faixas etárias compartilharem os mesmos espaços sem riscos, levam moradores, principalmente em Brasília Teimosa e no Buriti, para espaços mais distantes da comunidade, como é o caso dos parquinhos de Boa Viagem, para os moradores da Brasília Teimosa, e o para o Parque Urbano da Macaxeira, entre os residentes no Buriti.

É comum escutar dos moradores das comunidades as diferenças que existem na qualidade dos brinquedos em áreas nobres e periféricas. Inclusive, é também comum, para moradores de Brasília Teimosa, por exemplo, levarem as crianças para os parques de Boa Viagem, que são estruturados em madeira e apresentam menos riscos. Todavia, com a realização de oficinas é possível apresentar alternativas e referências para os moradores. Possuindo referências, o conhecimento e anseio dos moradores para as novidades do bairro passam a ser mais qualificados.

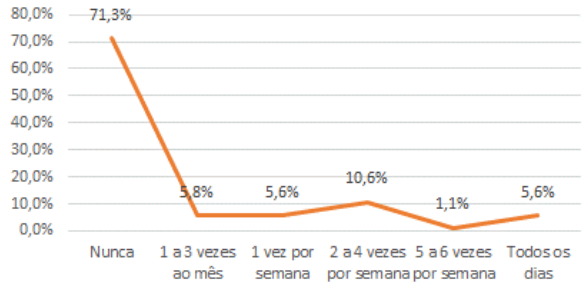
A investigação quantitativa nos aponta, como mostra a Figura 13, que a falta de segurança é o principal limitador para o uso dos espaços (18,5%). Seguido por sujeira e má conservação (13,4%), e ausência de equipamentos adequados para idade das crianças na primeira infância (13,3%). Tais fatores impactam diretamente na frequência de uso dos espaços públicos no bairro (Figura 14), de maneira que as cuidadoras respondentes informaram, em 71,3% dos casos, nunca utilizarem os espaços da comunidade.

Figura 13 - Para você, quais os três principais problemas que impedem você e sua família de usar os espaços da comunidade? (%)



O que se reflete no esvaziamento dos espaços pelas famílias e na migração entre espaços de bairros próximos. Há, inclusive, um movimento comum de cuidadoras no final da tarde se deslocando com as crianças para espaços de melhor estrutura e segurança.

Figura 14 - Frequência de uso dos espaços públicos do bairro



É muito interessante, nesse sentido, quando confrontamos os dados quantitativos com os qualitativos e, de fato, na escuta dos grupos focais, as cuidadoras, foram unânimes em colocar a questão da violência como algo que impede de seus filhos brincarem mais na rua.

Quando falamos em "brincar na rua" temos sempre que levar em conta quais são os referenciais que norteiam o que se espera do que seja "brincar" e "rua" para as pessoas de quem queremos conhecer as práticas sociais. É preciso levar em conta os diferentes repertórios, desde quem formula as questões de pesquisa, passando por quem aplica as técnicas, até os sujeitos que são o foco da investigação. E foi com isso que nos deparamos ao longo da pesquisa, seja nas observações, nas entrevistas e nos grupos focais.

A observação nos trouxe a materialidade do cotidiano das comunidades que pesquisamos. Os grupos focais no ajudaram a entender, a partir da fala das pessoas comuns que viviam esse cotidiano. E as entrevistas trouxeram o olhar mais apurado de personagens das comunidades que, ao mesmo tempo, vivem esses locais como residentes, mas que se diferenciam pelo fato de terem o olhar da transformação do bairro. Já as entrevistas com a equipe técnica do Mais Vida nos Morros nos ajudou a perceber como os agentes da política pública equacionam a escuta dos desejos e a apreensão dos repertórios locais, ao mesmo tempo em que trazem seus próprios referenciais, sejam técnicos, ou de experiências de vida.

O tema "brincar na rua" aciona, nesse contexto, diferentes categorias de diferentes naturezas. Por exemplo, evoca questões subjetivas, emotivas, saudosistas, tristes e alegres, assim como aponta questões mais concretas, como calor, sol quente, trânsito agitado, violência urbana. Todas estas questões incidem sobre o uso e os sentidos do uso da rua.

Nas categorias de subjetividade, quando falamos sobre o brincar na rua, vimos que ele aciona, para os nossos interlocutores adultos, uma ideia saudosista. Aciona a ideia de tempo, de passado, de geração. Aciona memórias familiares. Aciona uma memória emotiva de um tempo passado que, hoje, é lido como algo muito bom, que não volta mais. Ou não. Por exemplo, quando nossos interlocutores das comunidades analisadas, ao falarem sobre o brincar na rua, remontam uma infância sem a presença do lúdico, apenas a necessidade de lutar pela sobrevivência.

Em todas as nossas incursões de observação no campo tínhamos como questão principal norteadora a presença das crianças de 0 a 6 anos na rua. E como era esse estar na rua (vias, parques, praças e demais equipamentos da rua). Em termos gerais, observamos que nas três comunidades que estivemos (Brasília Teimosa, Lagoa Encantada e Buriti), na maior parte do dia, principalmente pela manhã e maior parte da tarde, uma ausência de crianças na rua. Uma ou outra passa com suas cuidadoras - maioria mães e avós, transitam para o mercado, ao médico. Enquanto pesquisadoras, sentimos nos nossos próprios corpos algumas pistas do que seriam algumas razões para esta ausência: o sol quente, que queima nossa pele, gasta nossas energias, o calor, a ausência de espaços com sombra, a ausência de vias seguras para transitarmos a pé, etc. Mas a observação, da maneira que entendemos

como deve ser feita, prevê interações durante o fazer etnográfico. Portanto, houve muito espaço para escuta. Escuta essa que foi muito ampla nos momentos de grupos focais. E essa escuta nos trouxe outras pistas, como a *questão da violência urbana, da intensa jornada das mulheres ao longo do dia, dos espaços públicos que não são adequados, seguros e confortáveis para crianças e suas cuidadoras.* Os grupos focais nos trouxeram falas registradas ainda mais contundentes para estes elementos. Nos grupos, quando provocamos sobre brincar na rua, muitas cuidadoras falavam que: "hoje em dia não dá", "é perigoso". isso nos levou a tentar compreender o "hoje" delas. Por que é perigoso? Antes não era? Como era antes?

A partir dessas provocações, as cuidadoras - nas três comunidades -, falaram que na infância delas era diferente. Elas brincavam mais na rua porque não tinha a violência atual, a presença tão dominante do tráfico de drogas. Em Brasília Teimosa, nos foi relatado que é comum ter tiroteios na comunidade. E que "antigamente" essas trocas de tiros aconteciam mais de madrugada. Havia uma certa norma de conduta. Mas nos dias atuais, isso pode acontecer a qualquer hora do dia. Então, há um medo muito grande de deixar as crianças na rua e elas sejam vítimas de uma bala[5].

A própria configuração física dos bairros se diferenciou. Como já destacamos na questão de interação com a natureza, vimos também que o adensamento da área urbana, a ampliação das casas, a pavimentação das avenidas, tornam o espaço da rua mais perigoso. A presença das motos, por exemplo, é muito lembrada. Tanto na Brasília Teimosa, quanto no Buriti, dividir o espaço com as motocicletas é um desafio de vida ou morte. No Buriti, motos (e carros também) precisam "pegar o embalo" para conseguir subir as ladeiras muito íngremes. E isso dá uma margem muitíssimo pequena de manobra ou de desvios repentinos durante a subida. O mesmo acontece na descida. Na Brasília Teimosa, por exemplo, algumas ruas pavimentadas são bem estreitas e os veículos não respeitam pedestres. Durante a construção deste relatório, os noticiários mostraram um protesto de moradores na Brasília Teimosa devido ao atropelamento de um homem na avenida da orla. A Lagoa Encantada, no entanto, tem um certo privilégio quanto a isso. As ruas são mais calmas, nas partes residenciais o movimento de veículos é baixo. O maior movimento é na avenida Vale do Itajaí. A rua Doutor César Montezuma e seus arredores, onde fizemos a observação, não há grande movimentação. E parte da subida é uma escadaria, o que impede veículos motorizados.

[5] É importante lembrar que durante a realização do grupo focal de Brasília Teimosa, um morador foi esfaqueado (não sabemos se sobreviveu) dentro de sua casa, a uns 50 metros de onde estávamos. Segundo apuramos no local, um ladrão invadiu a casa do morador e o atacou.

Ao perguntarmos como eram as brincadeiras na rua, as cuidadoras falavam que brincavam de queimado, de bicicleta, de cantigas de roda, de “adoleta”, “adedonha” e de pega-pega com os amigos. Subiam em árvores, colhiam frutas na vizinhança. O que seria muito diferente do que as crianças brincam hoje. Sobretudo por conta da presença das “telas” na vida delas, como telefones celulares, televisões, *tablets*. Nesse sentido, o brincar na rua para a maioria dessas cuidadoras remonta a um passado nostálgico, de uma época mais livre e mais segura para ser criança e brincar fora de casa. Por outro lado, tivemos também algumas falas bem desconcertantes de mulheres que remontavam sua infância numa certa ausência de brincadeiras e do lúdico. Pois é preciso levar em consideração, que no Brasil, nas periferias com população pobre, a infância tem o trabalho como um marcador presente. Infelizmente, muitas crianças precisaram e continuam precisando trabalhar para ajudar na renda da família.

O brincar na rua também aciona uma ideia de julgamento moral para as mães. A “boa mãe” é aquela que consegue manter os filhos em casa. Ou seja, os filhos não ficam “soltos” pela rua, vulneráveis a todos os riscos que a rua tem. Em Lagoa Encantada, uma mãe bradou orgulhosa que seus filhos cresceram bem porque foram criados “presos” dentro de casa. Este é um momento importante para lembrarmos da cultura latina, em que as mães latinas partilham de uma noção de proteção diferente de uma mãe europeia. O senso de “apego” da mãe latina pode ser considerado maior. Não estamos afirmando aqui que as mães latinas sejam mais protetoras que as europeias, mas o que afirmamos é que a ideia de proteção é diferente. Possivelmente, uma mãe europeia que entende que proteger o filho é promover sua autonomia desde cedo, para uma mãe latina, isso soe como negligência, como frieza.

Isso confere a esta mãe, um super poder de controlar os filhos - principalmente se são filhos homens. Sim, porque não podemos esquecer que a estrutura patriarcal presente na nossa sociedade, que confere aos homens o espaço público da rua, enquanto às mulheres é destinado o espaço privado, doméstico, da casa. Então, quando pensamos em infância e em cuidar de crianças, é preciso levar em consideração que crianças contemplam, no senso comum, meninos e meninas. E a cada um ainda são conferidas diferentes maneiras de cuidar. Na periferia, ter um filho homem, muitas vezes é visto como um fardo, no sentido de que é mais difícil mantê-los em casa. Enquanto as meninas são mais calmas e passíveis de manter em casa. Então esses marcadores de gênero na infância são importantes. As relações de gênero estão presentes na diferenciação de cuidados para meninas e meninos, assim como de quem cuida. Não se espera, por exemplo, que o homem da periferia participe do cuidado cotidiano das crianças: preparar comida, dar banho, brincar, levar para a escola. A participação dos homens ainda é vista como ajuda. E mais, na verdade, a presença da figura paterna na família é também uma dificuldade. Muitas mulheres arcam sozinhas com todas as responsabilidades devido à ausência da figura paterna, como veremos mais adiante sobre o brincar entre pais e filhos.

Cerca de 36,1% das cuidadoras afirmaram que elas não levam suas crianças de 0 a 6 anos para brincar nos espaços públicos das comunidades (praças, parques, campinhos, etc.) Além disso, foi relatado que crianças muito pequenas podem ser hostilizadas por crianças mais velhas, jovens e adultos. Um elemento fundamental que apareceu nas falas dos grupos focais, na nossa observação, é como os espaços públicos nas 3 comunidades precisam ser partilhados por todas uma diversidade de público. mas acaba prevalecendo a presença de alguns em detrimento de outros. As crianças, principalmente, as crianças menores, entre 0 e 6 anos são as que mais perdem espaço nas praças, playgrounds, campos e quadras. Como descrevemos detalhadamente nos relatos etnográficos, os adultos, crianças "grandes" e os jovens acabam ocupando esses lugares e afastando a ´presença de crianças e cuidadores.

Vamos agora tentar entender essa situação. O consumo de bebidas alcoólicas e drogas ilícitas é muito mencionado pelas cuidadoras sobre o que as impedem de levar as crianças. Mulheres que cuidam de crianças não se sentem confortáveis, ou mesmo seguras, em estar no mesmo local com pessoas consumindo esse tipo de substância. No Buriti e na Brasília Teimosa isso é muito mais forte do que na Lagoa Encantada. Adicionalmente, crianças maiores e adolescentes também utilizam esses espaços e nem sempre são amigáveis para compartilhar com as crianças menores, ou então, suas atividades não são adequadas para que crianças pequenas fiquem nesses espaços sem se machucarem. É uma corrida mais rápida, é uma possibilidade de esbarrar em uma criança menor. E há também uma ideia de domínio de território. Como nos narrou a diretora da escola do Buriti que tentou levar os alunos para uma atividade na quadra de areia, mas os jovens que estavam usando não permitiriam a presença delas. Na lagoa Encantada, os relatos sobre isso trataram sobre uma quadra coberta que existe no bairro, mas que fica fora do local da intervenção do Mais Vida nos Morros. As mulheres falaram muito que essa quadra seria ótima para levar as crianças, mas que algumas pessoas, apontadas por elas como sendo criminosos do bairro, não permitiriam a utilização com esse fim.

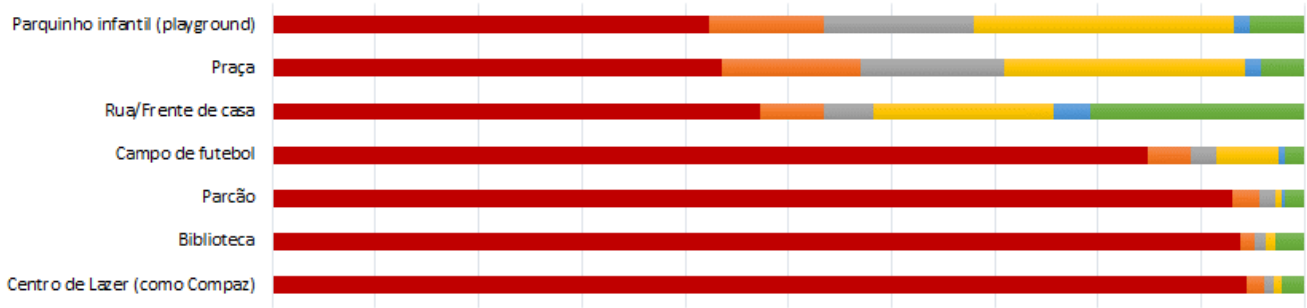
O estado de conservação, ou melhor, a falta de conservação desses espaços também foi apontada como um impeditivo, porque alguns brinquedos quebrados podem machucar as crianças. Além da presença de lixo, de fezes de animais, animais mortos e entulhos deixados pelos moradores. Há outro elemento interessante: a maneira como alguns moradores utilizam esses espaços públicos como se fossem uma extensão de suas casas. Eles usam praças para fazer varal de roupas, lavar carros, lavar animais, guardar objetos velhos, etc.

Na escuta dos grupos focais e nas entrevistas, assim como algumas escutas informais durante as observações, fizemos o exercício não apenas de que as pessoas apontassem problemas, mas que pudessem falar sobre como elas gostariam que fossem suas comunidades e como imaginavam os espaços públicos ideais para as crianças do bairro. Para o pessoal da Brasília Teimosa, a referência aos parquinhos da orla de Boa Viagem foram os principais exemplos mencionados, tantos por mulheres cuidadoras (mães e avós), como por lideranças comunitárias. Um desejo forte para quem mora na Brasília Teimosa, é que o bairro recebesse o mesmo tipo de cuidado que sua vizinha Boa Viagem. Desejam o mesmo padrão dos quiosques, do calçadão, das praças e, obviamente, dos parquinhos. Para aqueles que não conhecem, Boa Viagem, bairro nobre da zona sul do Recife, somente na orla, possui pelo menos 6 parques infantis distribuídos nas localidades dos chamados Primeiro, Segundo e Terceiro Jardins. São parques em formato circular, cercados por barreira física, com chão de areia da praia e brinquedos de madeira. Há dois tipos de playgrounds: o parquinho para crianças pequenas, de 0 a 6 anos, e os parquinhos

para criança maiores. A diferença, na prática, está na altura dos brinquedos, e nos balanços que se diferenciam por ter proteção frontal ou não.

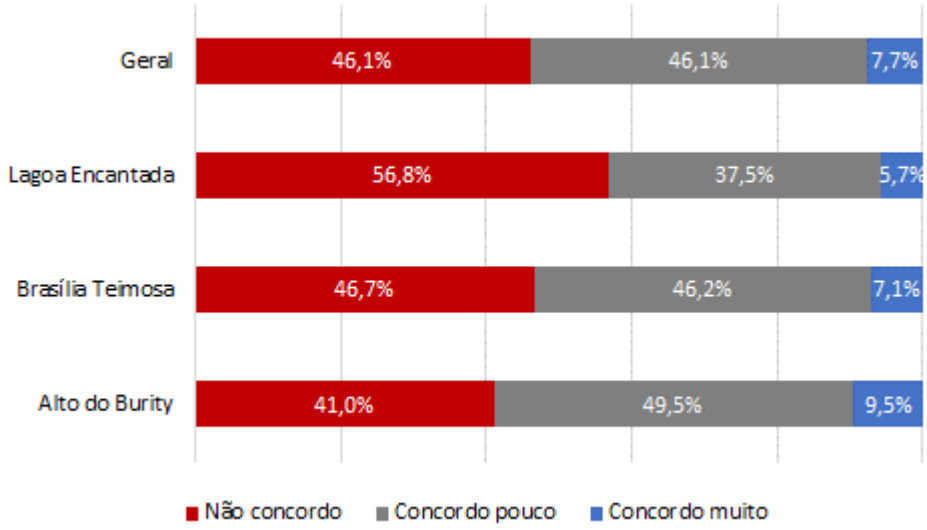
Os playgrounds de Boa Viagem ficam na orla, e pelo menos, dois deles têm banheiros públicos próximos, com torneiras de água encanada. Há também, no final de Boa Viagem, no sentido para Jaboatão dos Guararapes, o Parque D. Lindu, uma imensa área de Lazer que com dois grandes playgrounds, pista de skate, local para andar de bicicleta e patins, uma galeria de arte e um grande teatro. O Parque D. Lindu fica a 4 km da Brasília Teimosa, algo como 50 minutos de caminhada para um adulto sem crianças. Os parquinhos da orla ficam a 2,3 km de Brasília, ou uma caminhada de 30 minutos, novamente para um adulto sem crianças. E é para esses parquinhos dos jardins de Boa Viagem que as mães Brasília Teimosa levam seus filhos quando podem. São tidos como mais seguros, tanto em termos de violência, como em termos de segurança dos brinquedos, assim como elas os consideram mais limpos e mais agradáveis.

Figura 15 - Qual a frequência de utilização destes espaços públicos do seu bairro?



	Centro de Lazer (como Compaz)	Biblioteca	Parcão	Campo de futebol	Rua/Frente de casa	Praça	Parquinho infantil (playground)
Nunca	94,4%	93,8%	93,1%	84,9%	47,2%	43,5%	42,3%
1 a 3 vezes ao mês	1,7%	1,4%	2,6%	4,2%	6,2%	13,4%	11,1%
1 vez por semana	0,9%	1,1%	1,5%	2,5%	4,8%	13,9%	14,5%
2 a 4 vezes por semana	0,8%	0,9%	0,6%	6,0%	17,4%	23,5%	25,3%
5 a 6 vezes por semana	0,0%	0,0%	0,3%	0,6%	3,5%	1,5%	1,5%
Todos os dias	2,2%	2,8%	1,9%	1,9%	20,8%	4,2%	5,2%

Figura 16 - Os moradores do bairro sentem-se seguros brincando com as crianças na rua (%)



No Buriti, apesar da intervenção do Mais Vida nos Morros, por conta do difícil acesso das subidas, os moradores não transitam tanto pelo bairro. Ouvimos relatos de gente que mora embaixo que nunca subiu algumas escadarias do morro. Portanto, nem sabem que existem os espaços criados pelo Programa. Na verdade, há essa peculiaridade no Buriti. Que mora embaixo, evita subir, e quem mora em cima, se puder, evita descer. No entanto, vimos como a praça Othon Bezerra de Melo, na entrada do Buriti, na parte baixa, tem uma demanda de uso, tanto por crianças, quanto por mulheres e homens adultos, assim como jovens. Quando chega o final da tarde, em que o sol vai baixando e as mulheres vão concluindo, ou dão uma pausa nos afazeres domésticos, há um movimento massivo em direção ao Parque Urbano da Macaxeira. Trata-se de um parque recém inaugurado, com campo de futebol, quadras poliesportivas, pista de skate, bicicross, *cooper,* ciclovia, parques infantis, anfiteatro, banheiros públicos e praça de alimentação. A rua Alto do Olho D'água, no Buriti, por exemplo, está a 950 metros a pé do parque urbano. No entanto, temos que lembrar que esse trajeto envolve descida de ladeira ou escadaria e atravessar a movimentada Avenida Norte. Mesmo com esses obstáculos, é para lá que os moradores costumam levar suas crianças.

Retomando a questão da escuta sobre os desejos das cuidadoras, percebemos que quando perguntamos como elas gostariam que fosse, a resposta não ultrapassa os limites dos arredores do bairro ou dos bairros tidos como nobre do Recife. Ou seja, elas não conhecem outras experiências de parquinhos e praças mundo afora. Não conhecem os parquinhos Ibirapuera, em São Paulo - Brasil, ou do Hyde Park, em Londres - Reino Unido. As referências são as poucas próximas a elas. Peguemos o exemplo da relação com o trânsito. Em Recife, estamos todos acostumados com o comportamento rude da maioria dos motoristas. Um comportamento centrado no carro, sendo visto como prioritário. Atravessar uma rua, mesmo na faixa de pedestres com o semáforo vermelho para os veículos, é arriscado. Há um comportamento recorrente em Recife quando o pedestre está atravessando na faixa com o sinal fechado, e este fica verde, os carros começam a buzinar e acelerar para apressar o pedestre. Então é preciso qualificar o cidadão e a cidadã para fazer uma escolha e construir seus desejos. Ora, o parquinho de Boa Viagem é tido como excelente para quem mora em Brasília Teimosa. Mas isso não quer dizer que este parquinho seja a melhor solução existente. O morador de Brasília pode desejar algo melhor que o de Boa Viagem. Mas, óbvio que, do ponto de vista da desigualdade, espera-se que seja, no mínimo, algo igual.

Como já mencionamos nos nossos diários de campo e relatos de observação, durante o dia, quase não encontramos mulheres e crianças nas ruas. Elas começam a sair de casa ao final da tarde. Durante o dia, a rua é praticamente dos homens, salvo exceções de mulheres que trabalham fora de casa. Tanto em Brasília Teimosa,

como em Lagoa Encantada e no Buriti, as mulheres ficam em casa realizando afazeres domésticos. Há uma intensa e extensa jornada de trabalho. Então, pensar locais para o lazer e o bem estar das crianças é também estender esses benefícios para quem cuida. Do mesmo jeito que um playground precisa ter brinquedos adequados e seguros para as crianças, precisa ser confortável para quem supervisiona os filhos.

3.5.O QUE SABEM SOBRE PRIMEIRA INFÂNCIA E SUA IMPORTÂNCIA?

Em 2016, foi criado no Brasil o Marco Legal da Primeira Infância (Lei nº 13.257/2016), que tem como objetivo estabelecer os princípios e as diretrizes para a formulação e a implementação de políticas públicas para a primeira infância. O documento define que primeira infância é o período do desenvolvimento da criança que começa na gestação e vai até os 6 anos completos, ou 72 meses. Além disso, preconiza que é dever do Estado criar políticas, planos, programas e serviços para a primeira infância.

No Recife, em âmbito municipal, as políticas destinadas à primeira infância, tradicionalmente, são implementadas pela Secretaria de Educação, através das creches, e da Secretaria de Saúde, através do acompanhamento de pré-natal e da puericultura feitas nos postos de saúde, Programa de Saúde da Família e outros órgãos de atendimento, como hospitais e policlínicas. Há também o Programa Mãe Coruja, cuja criação e gestão é do âmbito Estadual, mas que se articula com a política municipal. O Mãe Coruja visa dar suporte às gestantes. Uma inovação que o Recife traz nos últimos 4 anos é inserir a política para primeira infância fora do clássico dueto Saúde-Educação.

O Programa Mais Vida nos Morros, criado pela Secretaria-Executiva de Inovação Urbana, coloca o tema da primeira infância nas ações de infraestrutura. Nesse sentido, deu um passo importante na direção das tão discutidas transversalidades nas políticas públicas, que é articular a resolução de demandas nas diversas áreas da administração pública. Nas três comunidades que realizamos a investigação, ouvimos como a política pública para a primeira infância está ainda internalizada pelo duo Saúde-Educação pelas cuidadoras (mães, avós, tias, etc.). O Posto de Saúde, o PSF (Programa de Saúde da Família), as escolas e creches dos bairros são os lugares apontados, ainda, como elas percebem o encontro Estado-Cidadão.

Durante a pesquisa, verificamos que a ideia de primeira infância como um conceito utilizado pelo Estado não é ainda internalizada pela população cuidadora. O que utilizam no cotidiano é o termo “bebês”, “crianças pequenas” e mulheres “gestantes”. A preocupação com segurança, bem estar e desenvolvimento dessa faixa etária gira em torno da necessidade de ter um lugar seguro para deixar as crianças enquanto as mães trabalham, procuram um trabalho ou, simplesmente, cuidam de si, no caso as creches[6], as creches-escolas e as escolas de Ensino Fundamental.

Quando interpelávamos alguma cuidadora durante a observação, ou fazíamos provocações acerca da primeira infância nos grupos focais, era comum que perguntassem para nós, pesquisadoras, o que era a “primeira

[6] De acordo com Portal da Educação, da Secretaria de Educação do Recife (RECIFE, 2020), a Brasília Teimosa conta com 2 creches, uma fica entrada da comunidade, mais próxima do Pina, a outra fica ao lado da Associação dos Pescadores, na beira do Rio Capibaribe. Atende duas extremidades de Brasília Teimosa. A Cohab, bairro onde está localizada Lagoa Encantada, possui 1 creche-escola, que fica a 750 metros do local de intervenção do Mais Vida nos Morros (10 minutos de caminhada para um adulto sozinho). O Buriti, por sua vez, não possui creche. De acordo as informações oficiais do site da Prefeitura, a Rede Municipal de Ensino do Recife Tem sua estrutura caracterizada por Educação Infantil, com creches (0 a 3 anos) e pré-escola (4 a 5 anos), Ensino Fundamental (1º ciclo – 6 a 8 anos, 2º ciclo – 9 a 10 anos, 3º ciclo – 11 a 12 anos, 4º ciclo – 13 a 14 anos). São, ao todo: 214 escolas, 38 creches e 25 creches comunitárias. A Educação Infantil (de 0 a 5 anos), atende cerca 17 mil crianças, dessas, mais de 6 mil estão nas creches. Não há informações sobre o quantitativo de vagas em cada unidade.

infância". Quando explicávamos os conceitos, não era raro semblantes de desapontamento e questionamentos como: "Por que só essas crianças de 0 a 6?" E as outras? E os nossos jovens? Para mães, avós e pais, existe uma preocupação geral com os filhos, sejam os da primeira infância, sejam os mais velhos, e os adolescentes. A preocupação com as crianças pequenas está refletida com os jovens no sentido de projeção. Ou seja, se os jovens da comunidade ficam seguros, isto incide diretamente na preocupação com o futuro das crianças da primeira infância. Ora, se eu vejo que é seguro para o jovem onde eu moro, quando eu olho para meu filho de 3 anos, a perspectiva de futuro é menos preocupante. Nos grupos focais, percebemos quão variada pode ser a configuração familiar quanto à faixa etária dos filhos. Ou seja, tivemos várias mães participantes que tinham filhos da primeira infância e também filhos adolescentes. Estes, geralmente, nasceram de gestações precoces das mães, ainda adolescentes, e os mais novos, com a mãe na idade adulta e, possivelmente, com outros parceiros. Então é perfeitamente razoável que nas nossas discussões tenhamos ouvido relatos de apreensão não só com os filhos na primeira infância. Quando perguntávamos sobre as ações do Mais Vida nos Morros após a finalização, o que poderia melhorar, as ações com os jovens eram as mais mencionadas. Há uma preocupação em ocupar o tempo dos jovens, seja com estudo, seja com cursos profissionalizantes para encaminhá-los para o mercado de trabalho.

Ora, num contexto periférico, em que a rua é o foco de várias vulnerabilidades (violência urbana, trânsito, etc.), as crianças pequenas são, de certa maneira, as mais protegidas pelos cuidadores, porque não têm autonomia, não saem sozinhas, ainda estão sob vigilância dos adultos. A preocupação começa à medida em que as crianças vão crescendo, porque vai ficando mais difícil mantê-las longe dos perigos do bairro (drogas, violência, etc.). Aqui, evocamos novamente a ideia de "boa" mãe, aquela que consegue manter os filhos dentro de casa, ou melhor, numa criação caseira, a "boa mãe" é a que possui, segundo elas mesmas afirmaram nos grupos focais, mais chances de manter um adolescente em segurança. Num grupo focal da Lagoa Encantada, uma mãe nos confidenciou: "Meus filhos é (*sic.*) dentro de casa. Criei tudo dentro de casa. Tá tudo grande já porque eu criei em casa". Em outras palavras, ela quis que eles escaparam às vulnerabilidades porque tiveram o acesso à rua restringido ao longo da infância. Outras situações que observamos, é de moradores que apontava crianças na rua e diziam: "Olha, aquele ali, né? A mãe pode. Imagina se eu vou reclamar porque tá quebrando o brinquedo". Há também outros indicadores que sinalizam o julgamento se uma mãe, se uma avó é "boa" ou "negligente", tais como: criança limpa, cheirosa, arrumada, obediente.

3.6.COMO AS CRIANÇAS INTERAGEM COM OS PAIS?

Para falarmos sobre como as crianças interagem com os pais é preciso levar em consideração fatores como a rotina, o repertório subjetivo do brincar, as relações de gênero e modelos de masculinidade, e, por fim, a tecnologia (internet, *smartphones* cada vez mais presente na vida das pessoas). Quando utilizamos o termo "pais" ao nos referirmos ao par de genitores conformado por "pai" e "mãe", estamos reproduzindo o modelo heteronormativo da configuração da família nuclear formada por pai, mães e filhos. E esse modelo ideal típico da família nuclear, nos dias de hoje, na prática não condiz com a realidade. Principalmente se pensarmos em termos das famílias nas periferias brasileiras.

Os homens (pais), quando estão presentes naquele núcleo familiar, também é marcado pelo modelo de masculinidade. Ao contrário do que observamos nas mulheres, ao longo do dia, a rua é o local dos homens7. É na rua que os homens se sociabilizam, trabalham e procuram trabalho. Durante a observação, vimos muitos grupos de homens nas praças, nas esquinas ao longo do dia. Neste sentido de entender o modelo de masculinidade,

[7] Ver Diários de Campo de Fernanda Meira e Relatos de pesquisa de Juliana Cíntia (Brasília Teimosa; Lagoa Encantada; Buriti).

algumas perguntas são importantes: homens periféricos cuidam de crianças? Brincam com crianças? Quando sim, o fazem igualmente com meninos e meninas da família? E a escuta nos grupos focais nos deu uma ideia de um caminho para estas respostas. Fizemos, ao todo, seis grupos focais com pessoas que cuidam das crianças. Apesar de termos convocado e expressado que homens eram bem vindos, de cerca de 60 participantes, tivemos apenas 1 (um) pai em um dos grupos.

Confrontar as mulheres durante os grupos para que falassem sobre a participação dos pais no cuidado e no brincar com os filhos, em vários momentos, causou constrangimento no sentido de ter que expor que o pai é ausente. Mas também causou, em outros, um desabafo sobre o fato de não possuírem o suporte dos genitores de seus filhos. Estamos falando de mães e avós que criam e sustentam filhos e casa sozinhas.

Ao longo do dia, como já dissemos, não observamos a presença de mulheres circulando pela rua nas três comunidades acompanhadas. Inclusive, para realizar os grupos focais, após a primeira experiência na Brasília Teimosa, em que fizemos um grupo pela manhã e outro pela tarde, percebemos que teríamos que ajustar esses horários por conta das ocupações diárias das participantes. Na Lagoa Encantada e no Buriti, fizemos os dois grupos à tarde. E isso nos garantiu uma presença muito maior de voluntárias. Na Brasília Teimosa nosso grupo que estava marcado para as 9h30, começou muito depois das 10h até conseguirmos o mínimo possível para realizar a discussão. Portanto, quando vamos pensar em brincadeiras de mães e pais com seus filhos, precisamos levar em conta como são as jornadas dessas pessoas. Os pais, trabalham fora, ou, se estão desempregados, estão em busca de trabalho remunerado. As mulheres estão cuidando do trabalho reprodutivo (doméstico), ou acumulam a dupla jornada de trabalhar fora e ainda dar conta dos afazeres da casa. Nessa matemática, temos uma exaustão. As pessoas ficam exaustas.

Para estimular as brincadeiras entre mães e pais com as crianças precisamos saber as razões de não brincarem: Há tempo para brincadeiras? Estão cansadas? Quando criança, tiveram a experiência de seus pais brincarem com os filhos? Qual o repertório subjetivo lúdico que têm essas mães e esses pais? Em um dos grupos focais, ao perguntarmos de que brincavam quando crianças, uma avó respondeu que a "brincadeira" dela era cortar cana. A infância dessa mulher foi marcada pelo trabalho. Ou seja, os parâmetros de infância "feliz e saudável" não podem ser medidos de maneira homogênea. É muito comum que nas periferias essa infância tenha marcadores de trabalho, de muita vulnerabilidade, de ausência do lúdico. Então, promover o encorajamento de crianças brincando com seus pais passa por esses repertórios de vida.

Um aspecto importante a ser percebido e trabalhado como potencialidade são as redes femininas de cuidado. As mulheres da periferia possuem estratégias coletivas de cuidado das crianças e redes de trocas de favores que possibilitam que elas trabalhem, cuidem dos filhos, realizem afazeres domésticos fora de casa. São soluções criativas para compensar a ausência de creches. Não é raro que para conseguirem trabalhar fora, algumas mães remunerem, de maneira muito precária, outras mulheres, uma vizinha, uma irmã mais nova ou mais velha, uma prima. Nesse sentido, aparece também outro aspecto a ser pensado, que é a noção de infância abreviada das culturas periféricas, onde as meninas mais velhas e adolescentes são, muitas vezes, encarregadas como cuidadoras ou co-cuidadoras das crianças menores tendo, desse modo, suas infâncias abreviadas, assumindo desde cedo responsabilidades da vida adulta que acabam repercutindo em suas trajetórias. Entender a rede de ajuda entre as mulheres da comunidade é um ponto de avaliação estratégico do contexto local.

Quando há a presença da figura paterna, more ele ou não na residência, o cuidado, o brincar, e as interações são também mediadas pelas relações de gênero e modelos de masculinidade. Mães e pais se relacionam de maneira diferente. Mães fazem aquele cuidado mais orgânico: alimentam, dão banho, vestem os filhos, tomam conta em casa. Pais "ajudam" quando podem. Levam pra um passeio rápido no parquinho. E isso está prescrito nos modelos de masculinidade do homem periférico. O homem periférico fica na rua, enquanto as mulheres que não

trabalham fora, ficam em casa. O homem periférico, mesmo quando não tem um trabalho formal fora de casa, ele está na rua se sociabilizando, cuidando da sua "network".

Por fim, mas sem o intuito de esgotar essa questão de estimular a brincadeira entre as crianças e seus pais, temos que falar sobre a presença da tecnologia no cotidiano das famílias. Hoje, ainda mais no contexto da pandemia do coronavírus, o uso de dispositivos como *tablets*, *smartphones*, televisores com acesso à internet tornou-se orgânico dentro das residências, ultrapassando limites de classe social. Não é diferente nas periferias. Embora possam existem diferentes conteúdos e formas de acesso à internet que refletem às diferenças de classe (e que não é objeto desta pesquisa), esses aparelhos ao mesmo tempo que são objetos de reclamações dos adultos de que as crianças "só querem usar o celular", é inegável que são também um auxílio para cuidadores que precisam realizar múltiplas tarefas. Enquanto a criança está ali jogando ou vendo desenho no celular, a cuidadora está limpando a casa, fazendo comida, ou realizando algum trabalho remunerado em casa. Ou mesmo descansando.

Essa questão do uso dos celulares foi interessante durante a pesquisa. Nos grupos focais, o tema dos celulares não apareceu de maneira espontânea quando perguntávamos de que as crianças brincavam no dia a dia. Esse dado apareceu apenas a partir de nossas provocações. E quando perguntamos se as crianças usavam o celular, a discussão crescia, com várias vozes simultâneas dizendo que o filho só quer estar no celular o dia todo, que hoje em dia as crianças são assim, só querem tela. Mas também aparecia como uma forma de alívio e auxílio, porque graças ao celular, os adultos podem ter ou um pouco de sossego, ou realizar as atividades domésticas. O uso do celular, apesar de não ser mencionado de maneira explícita, pode também ser interpretado como uma ferramenta de conseguir manter a criança em casa. Ou seja, em segurança, longe da vulnerabilidade da rua. Se o uso das crianças tem supervisão ou não e configura-se ou não como um uso seguro, não temos como responder.

3.7. COMO O PROGRAMA MAIS VIDA NOS MORROS É VISTO?

A construção de uma percepção ampla que abarque diferentes perspectivas é fundamental para a construção de um processo avaliativo, principalmente quando consideramos a atuação de um Programa como o Mais Vida nos Morros, que consolidou uma presença junto às comunidades periféricas do Recife, que representa uma inovação na forma de fazer política pública e estabelecer parcerias e possibilidades de diálogo entre diferentes instâncias da iniciativa pública, privada e sociedade.

Diante disto, a construção de uma percepção acerca de como o Programa é avaliado demandou a utilização de estratégias de inferência diversificadas que passaram pela aplicação de *surveys* nas comunidades, realização de grupos focais e realização de entrevistas (presenciais e *on-line*) com integrantes da equipe técnica do MVNM e lideranças locais. Isso nos possibilitou o acesso a diversos pontos de vista que ajudaram a compreender o funcionamento do Programa, a extensão dos impactos de suas intervenções na percepção dos cidadãos beneficiados, bem como os desafios que perpassam o cotidiano daquelas e daqueles que colocam seus conhecimentos à serviço da materialização das ações em cada localidade.

A seguir serão apresentados um conjunto de achados de pesquisa que se voltam a abertura de um debate acerca do que o Programa vem realizando na percepção de diversos sujeitos. Este conjunto de dados nos possibilitam realizar um diagnóstico sobre como o Programa vem se consolidando junto aos territórios alcançados, como ele é operacionalizado no cotidiano da sua equipe e quais os elementos estruturais que demandam uma reflexão e ações de planejamento estratégico no sentido de continuidade e aperfeiçoamento das ações realizadas.

Tomando como base os grupos focais e entrevistas com moradores. Podemos considerar que o Programa tem um impacto bastante positivo nos locais onde realizou intervenções. A questão da construção do vínculo entre

equipe técnica e a população é um ponto positivo enfatizado nas falas. O impacto das mudanças estéticas é um outro elemento positivado pela comunidade, pois promove a mudança de olhar dos moradores para o local onde vivem. Já comentamos o relato da costureira que deixou de ter vergonha do lugar onde mora e se sente bem em receber suas clientes para atendimento no local. Isso demonstra como intervenções táticas bem planejadas tem potencial para desencadear transformações reais em espaços urbanos periféricos possibilitando novas formas de uso e a construção de novas relações entre cidadãos e seu território.

As entrevistas com moradores também apontam as oficinas realizadas pelo Programa como uma iniciativa positiva e demandam sua continuidade. Uma reinvindicação comum que surgiu nos grupos focais das três localidades foi a necessidade de atividades voltadas para adolescentes e jovens, público prioritário do ponto de vista da população, visto que está mais exposto à violência, ao tráfico, ao uso abusivo de drogas entre outras problemáticas sociais e por isso requer atenção. Outros pontos de crítica e reinvindicação presentes nas falas de moradores se referem a demandas que ultrapassam as capacidades e os objetivos do Programa comparecendo como desafios endereçados a articulações intersetoriais para provocar outros órgãos municipais a se fazerem presentes nestes territórios.

Há também uma expectativa de continuidade do Mais Vida nos Morros nos locais onde já houve intervenção. Alguns relatos apontam que ainda falta terminar as barreiras, fazer muros de arrimo, pintar a sede de uma associação, etc. A barreira é um exemplo bem marcante. A ideia de parceria entre o Programa e os moradores é muito bem-vinda, no entanto, algumas intervenções são consideradas fora do alcance desses moradores porque mesmo se a prefeitura disponibilizar o material, eles não têm condição de arcar com os custos da mão-de-obra. Esse é justamente o caso das barreiras. Ao contrário de pintar, instalar corrimão, fazer uma horta, a manutenção de barreiras e construção de muros de arrimo ultrapassa a capacidade do *Do It Yourself* (DIY), ou "faça você mesmo". É preciso uma ajuda especializada. E há, acima de tudo, uma expectativa de que o poder público se responsabilize pela manutenção dos espaços, visto que a autorregulação por parte dos moradores se mostra ineficiente, como vimos na questão da manutenção dos espaços verdes das intervenções. A autorregulação pode até implicar em conflitos violentos entre vizinhos.

3.8.O MVNM SOB A ÓTICA DE QUEM O FAZ

O Programa Mais Vida Nos Morros se caracteriza como uma proposta de intervenção que, através de soluções urbanísticas inovadoras realizadas por meio de intervenções de planejamento e execução de curto prazo, promovem transformações em perímetros urbanos localizados em comunidades periféricas do Recife fazendo com que habitantes destas localidades ressignifiquem espaços outrora degradados e passem a desenvolver uma maior autoestima e valorização da sua comunidade.

Para a realização desta proposta o MVNM conta com uma equipe multidisciplinar organizada em diversos eixos de atuação como por exemplo comunicação, primeira infância, sustentabilidade, paisagismo, arquitetura e urbanismo, engenharia, entre outros. O trabalho coordenado entre estes eixos materializa a presença do Programa em uma comunidade. Partindo deste entendimento acerca do desenho geral do Programa buscamos refletir a respeito da sua dinâmica de funcionamento através de uma análise das entrevistas concedidas por integrantes da equipe técnica do Programa.

A análise destes conteúdos nos aponta diversas potencialidades do Programa que podem ser aperfeiçoadas bem como alguns gargalos que necessitam de intervenções para que a fluidez necessária seja alcançada na realização das metas. A seguir destacaremos os principais pontos evidenciados a partir dos diferentes achados da pesquisa

passando pelas potencialidades, seguidas pelos principais entraves e finalizando com algumas recomendações voltadas para a qualificação e consolidação das ações do Programa.

Em relação às potencialidades, aquela que foi mais enfatizada nas falas da equipe foi a parceira com os moradores que é reconhecida como um valor. Esta capacidade de estabelecer relações de confiança e ajuda mútua entre técnicos e moradores da comunidade se caracteriza como uma estratégia fundamental para a realização do MVNM. Para além da centralidade no projeto, esta potencialidade sinaliza novas formas de presença do poder público junto à população onde a efetividade perpassa novas concepções de participação e cooperação. O estabelecimento destes vínculos proporciona trocas que são valorizadas enquanto aspectos profissionais e pessoais. os técnicos enfatizam o quanto é um fator de motivação ter o feedback das pessoas beneficiadas por suas intervenções. Isso pode ser evidenciado na fala de um dos técnicos entrevistados quando perguntado sobre o que ele aprendeu com a comunidade: “A comunidade me ensinou a não ser frio ao realizar um projeto”.

Uma outra potencialidade que identificamos no MVNM, que se correlaciona com o estabelecimento do vínculo com a comunidade, é a capacidade de integração entre iniciativa governamental e iniciativa privada que é realizada pelo Programa ao receber investimentos de diferentes empresas, o que potencializa as suas iniciativas. A capacidade de captar, gerir e direcionar estes recursos de forma eficiente e racionalizada é o que possibilita que o MVNM consiga atuar de forma rápida e eficaz dentro da proposta que abarca. Deste modo, podemos afirmar que o MVNM demonstra uma grande capacidade de dialogar com diferentes atores que são estratégicos para a realização das suas ações articulando, por um lado o estabelecimento de vínculos no território e, por outro, parcerias estratégicas com iniciativas privadas que viabilizam material e estruturalmente as intervenções. O Programa Mais Vida nos Morros traz um ar novo para a relação entre cidadão e poder público. Deu rostos para a “prefeitura” no dia a dia de quem mora nessas localidades. Desconstrói a frieza da máquina pública. Segundo ouvimos de algumas pessoas da equipe, não é raro acontecer de técnicos de outros órgãos solicitarem apoio ou mediação para realizar alguma ação, pois sabem que o Mais Vida nos Morros tem uma boa relação com a comunidade.

Acreditamos que é importante enfatizar que o MVNM é um Programa voltado para a realização de projetos urbanísticos que promovam transformações em áreas degradadas (como praças e parques em mal estado de conservação, pontos críticos de acúmulo de lixo, entre outros) de bairros periféricos trazendo para estas comunidades a possibilidade de acesso a espaços de lazer e convivência dentro de seu território. Contudo, estas ações são limitadas no sentido de que o Programa não é voltado para a realização de intervenções estruturais. Compreender a abrangência e os limites da intervenção do Programa é essencial para dimensionar sua atuação e os desafios de sua presença nas periferias.

Como já mencionado anteriormente, um outro ponto essencial que está vinculado à capacidade de articulação multinível do MVNM se refere ao seu potencial no desenvolvimento de ações conjuntas e estabelecimento de parcerias com outros órgãos da municipalidade. Conforme relatado por um entrevistado da equipe do Programa, os Mega Mutirões que engajaram voluntários de diferentes órgãos da prefeitura funcionaram como um grande facilitador dos diálogos interinstitucionais estratégicos para o Programa. Estas ações promoveram o reconhecimento do MVNM e a relação de pertencimento por parte de outros órgãos municipais o que facilita a cooperação em diferentes estratégias e ações coordenadas.

É relevante destacar também a capacidade de realização da equipe técnica do Programa, no sentido de fazer convergir diferentes *expertises* que, combinados, promovem a realização de ações integradas durante a execução do Programa nas comunidades beneficiadas.

Para além dos pontos positivos destacados é importante ressaltar que as dificuldades identificadas se referem a pontos sensíveis que demandam uma "revisão de rota" e exercício de "autocrítica" que são essenciais para o sucesso continuado de qualquer iniciativa que se pretende duradoura. Neste sentido, dentro de alguns aspectos identificados como potenciais do MVNM, observamos alguns entraves que podem ser alvo de reflexões e mudanças estratégicas visando a qualificação do Programa.

Tomando como ponto inicial de reflexão a articulação entre secretarias e com demais órgãos públicos, identificamos a ausência de construção de fluxos e pactuações para ações interinstitucionais que possam viabilizar uma relação com parâmetros mais consistentes com os demais órgãos municipais. A cooperação é estabelecida através de relações pessoais e trocas de favores que impedem que um fluxo de contraprestações institucionais e pactos de cooperação e corresponsabilidade sejam estabelecidos.

Um outro aspecto que demanda atenção é a própria articulação interna entre os diferentes eixos de atuação do Programa. A ação isolada de cada eixo dificulta uma compreensão do todo e de como o trabalho específico de um eixo colabora ou impacta em outros. Fortalecer a integração da equipe técnica e a compreensão dos diferentes aspectos do Programa pode estimular ou ampliar a capacidade de inovação e desenvolvimento de soluções criativas além de incentivar trocas e ampliação de competências que valorizam e qualificam o trabalho em equipe.

Outro aspecto que demanda atenção no MVNM se refere a questão do setor de comunicação do Programa. A comunicação do MVNM é pensada unicamente numa perspectiva de promoção do Programa, de demonstrar o que vem sendo realizado e com uma perspectiva bastante exógena. As pessoas das comunidades pouco acessam ou interagem com estas estratégias comunicativas. Ao centrar apenas esta perspectiva a comunicação deixa de lado o potencial de diálogo com a comunidade, não são pensadas estratégias comunicativas para envolver e estimular a participação dos moradores no Programa, informar o que ele é e o que pretende para a comunidade, etc. Deste modo, identificamos que o Programa não tem trabalhado estratégias comunicativas voltadas para o público que atende.

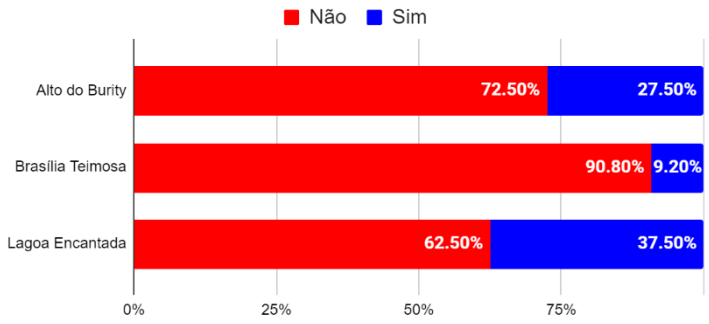
Também é relevante pensar acerca dos processos de escuta da comunidade e de como são as tomadas de decisão que balizam a construção dos projetos em cada território. O campo de atuação do MVNM compreende as áreas de periferia da cidade. Isso significa atuar em territórios imersos em diversos desafios tanto do ponto de vista estrutural e geográfico quanto do ponto de vista social. Estabelecer processos de escuta qualificada e estratégias de tomada de decisão que potencializam os saberes locais é essencial para fortalecer o engajamento duradouro e o estabelecimento de relações de pertencimento da comunidade em relação ao projeto. Através dos achados de pesquisa não conseguimos identificar quais as estratégias e técnicas de escuta são aplicadas junto a população no processo de implementação do Programa. Pala além disso, é perceptível que há divergências entre a visão de mundo e valores da equipe técnica e das comunidades. Isso interfere diretamente no quanto as intervenções irão ou não fazer sentido e ser apropriadas à realidade local. É preciso ter consciência de como os recortes de raça, classe, gênero e etário impactam nas concepções de desenvolvimento das intervenções e, a partir disso, investir em estratégias que aproximem as propostas da linguagem, vivências e expectativas locais.

Um ponto que foi identificado de modo expressivo nas entrevistas com a equipe técnica, e que é um consenso enquanto dificuldade enfrentada pelo Programa, se refere às limitações orçamentárias que dificultam a ampliação da equipe técnica e aquisição de materiais e insumos que dariam maior capacidade de intervenção ao MVNM. Em todas as entrevistas esta é uma dificuldade apontada conjuntamente com o destaque em relação a capacidade de realização da equipe tendo em vista as limitações de recursos humanos e materiais. Essa compreensão dos limites é percebida pela equipe do Programa. Diríamos mais, é percebida e é também razão de certa frustração por parte da equipe que gostaria de poder realizar muito mais. No entanto, no limite dos recursos

materiais, limite da coordenação das ações com outros órgãos (que escapam da alçada da secretaria de Inovação Urbana). Essa frustração é também gerada pelo intenso vínculo gerado com as comunidades e ter que lidar com as expectativas e desejos desse público.

A pesquisa quantitativa revelou, também, o conhecimento do Programa pelos moradores, seguindo o padrão representativo abaixo:

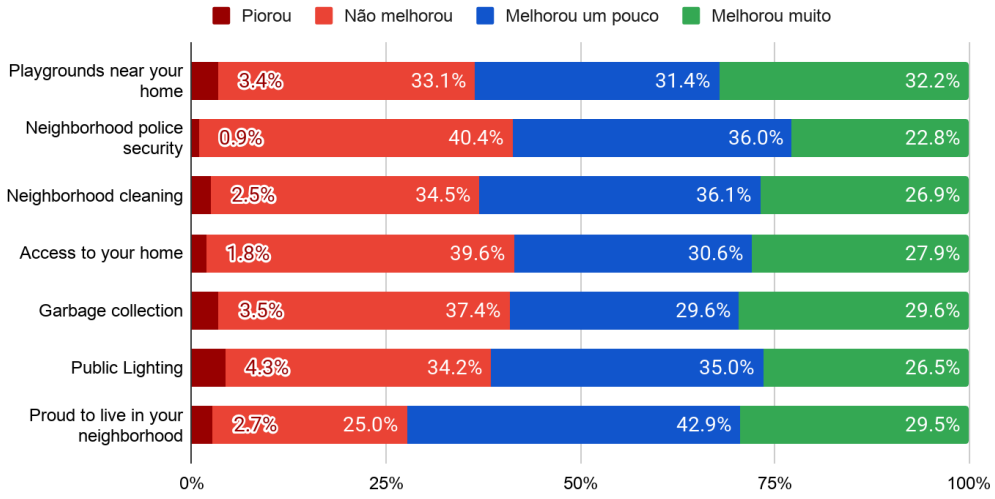
Figura 17 - Você conhece o programa Mais Vida nos Morros?



Nota-se que, mesmo nas comunidades em que o Programa já foi finalizado, há um certo desconhecimento de sua presença por parte dos moradores. Pode ocorrer, em adição, o conhecimento das áreas que sofreram intervenção mas a falta de conexão entre a ação e o Programa.

Na distribuição abaixo, verifica-se outro dado interessante. Dessa vez, sobre a qualidade dos serviços e equipamentos públicos em períodos anteriores e posteriores ao Programa:

Figura 18 – Qual é a condição dos serviços públicos abaixo após a passagem do Programa Mais Vida nos Morros?



Nota-se uma robusta visão de melhora dos serviços públicos após as intervenções do MVNM, em uma média positiva superior a 50% em todas as opções. É importante destacar, contudo, que devido ao desconhecimento do Programa por parte de alguns moradores, os pontos que inferem “não melhorou” podem ser maximizados.

O QUE APRENDEMOS?
PARA ONDE PODEMOS IR?

4. O QUE APRENDEMOS E PARA ONDE PODEMOS IR?

Nesta sessão iremos apresentar a sistematização de um conjunto de aprendizados e recomendações elaboradas com base no processamento e análise dos dados da pesquisa que foram amplamente trabalhados ao longo deste relatório. Esta sistematização visa dar destaque a um conjunto de elementos voltados à construção de um planejamento estratégico voltado ao aperfeiçoamento do Programa e qualificação das ações realizadas, uma vez que reúne um conjunto de pontos de relevância dentro das principais linhas de intervenção do MVNM.

GESTÃO DO LIXO

- O serviço de coleta de lixo não é o problema! Ele existe e funciona com regularidade nos bairros. É necessário um ajuste cultural entre hábitos e regras de coleta. Ações educativas e fiscalizadoras para que os moradores possam acompanhar os horários corretos da coleta podem ser mais eficazes do que a autogestão do lixo.

- A gestão de resíduos é um desafio de vida (com risco de conflito violento entre vizinhos) e não é possível esperar que seja feito apenas pelos residentes.

- Algumas famílias conseguem separar o lixo reciclável e entregar a coletores conhecidos: uma constatação muito importante, e pode ser a base tanto para uma campanha de mudança de comportamento, mas também de uma parceria entre MVNM e catadores de material reciclável.

- Conexão com um plano municipal de gestão de resíduos sólidos que materialize ações continuadas nos territórios realizando parcerias e conectando boas práticas.

- Promover a coleta seletiva nas comunidades para que a separação dos resíduos no âmbito doméstico não seja uma ação inócua e sem sentido, precisa estar articulada a uma estratégia ampla de gestão dos materiais envolvendo diferentes estratégias.

- Criação de um Programa de recompensas com bônus que estimule a consolidação de mudanças de hábito na população, por exemplo, um sistema de pontuação que gere descontos nas contas de energia elétrica ou de água (um selo verde) para quem faz a separação e o descarte correto dos resíduos.

- Ações periódicas de coleta de descartes de eletrodomésticos, móveis velhos e similares, ou campanhas informativas e parcerias para potencializar iniciativas que já atuam neste sentido colaborando para que possam atuar com maior presença nas comunidades [7].

RELAÇÃO COM A NATUREZA

- Há uma naturalização de áreas não verdes. Os bairros mais caros da cidade possuem prédios altos e são vistos como referências de lugares desenvolvidos. Os moradores já têm iniciativas criativas para lidar com os desafios do território. Por isso é necessário incorporar essas iniciativas aos projetos.

- As pessoas têm uma percepção não integrada entre suas casas, bairros e natureza. O lugar da natureza está sempre longe de casa. Por exemplo: em Brasília Teimosa, os moradores não se referem ao rio e à

praia como natureza. Eles a identificam como locais de trabalho. Estimular a percepção da natureza como parte dos espaços comunitários e como parte da qualidade de vida.

- É preciso incorporar conhecimentos locais para gerar participação e cuidado com as plantas. Desenvolver estratégias que aliem práticas locais de cultivo e cuidado de planas no âmbito doméstico com a manutenção de canteiros e jardins nos locais públicos nas proximidades de casa.

- Trabalhar e problematizar o tema da relação com a natureza, principalmente com o público jovem, adolescentes e crianças para que incorporem em sua visão de bem-estar a presença e o cuidado com a natureza de forma integrada ao seu território.

- Pensar em estratégias que também estimulem o cultivo de plantas no âmbito doméstico ou que reativem estas práticas entre os moradores para promover uma mudança na relação com a natureza também pode ser um caminho promissor (instalação de viveiros de plantas, distribuição de mudas – mudas que os moradores desejam -, atividades sobre manejo de plantas, cultivo em vasos, distribuição de adubo, etc.).

COMO BRINCAM AS CRIANÇAS DE 0 A 6 ANOS

- Falar sobre brincadeira em bairros em que não é possível ter uma boa mobilidade com as crianças (ausência de calçadas, rampas, sinalização, faixa de pedestres, semáforos, presença de ladeiras íngremes e longas escadarias, etc.) é um grande desafio. Portanto, é necessário sempre criar soluções de mobilidade.

- É preciso criar soluções nos espaços para as crianças que seja adequada para as crianças de 0 a 6 anos (brinquedos adequados, barreiras físicas no acesso à rua, sombras), mas que também tragam conforto para quem supervisiona a criança (espaço de sociabilidade, visão integral do local, banheiros e trocadores com água potável).

- Delimitar espaço para as crianças e educar população adulta para o uso prioritário das crianças. O impedimento mais citado pelas pessoas nos grupos focais e nas interações etnográficas é o consumo de drogas ilícitas, assim como adultos ingerindo bebida alcoólica nos espaços públicos destinados ou que poderiam ser usados pelas crianças, como praças e *playgrounds*. Outro impedimento é compartilhamento com crianças maiores e adolescentes que têm uma dinâmica de uso mais robusta, que pode machucar as crianças pequenas. É preciso construção e organização desses espaços, visto que não se pode esperar autogestão ou acordo.

- Em Brasília Teimosa, a referência é apenas Boa Viagem. No Buriti, o Parque Urbano da Macaxeira. Lagoa Encantada nem tem outra referência. É preciso qualificar o cidadão e a cidadã para fazer uma escolha e construir seus desejos. É difícil dizer o que você realmente quer e rejeitar o que você não quer quando não há o conhecimento de nenhuma referência. O engajamento social está conectado ao conhecimento. O conhecimento das referências qualifica escolhas. As soluções para as comunidades devem ser apresentadas com amplas opções e referências nos melhores *cases* do mundo.

- Cuidadores tentam manter as crianças em casa o máximo que podem porque as ruas não são seguras (violência). A "boa mãe" é aquela que mantém os filhos em casa. O consumo de drogas ilícitas e de álcool em espaços públicos que poderiam ser usados por crianças, como praças e playgrounds, são uma grande barreira. A forma como os cuidadores supervisionam as crianças no Brasil é "mais protetora" do que em países não latinos. Isso significa que o uso das ruas como um espaço de diversão é limitado. Portanto, garantir a segurança (em parceria com as Secretarias Estaduais de Defesa Social e de Prevenção à Violência) é um eixo fundamental para que garantir o impacto das intervenções realizadas pelo Programa.

- A questão da violência e dos conflitos entre moradores foi algo muito comentado por nossas interlocutoras e interlocutores. E são questões que incidem diretamente no sucesso das ações do Mais Vida nos Morros. Isso vai exigir de prevenção e repressão da violência articuladas com órgãos de segurança pública.

PRIMEIRA INFÂNCIA

- A concepção de infância de qualquer ação de intervenção precisa se aproximar da realidade local. Um tipo ideal, romantizado, ou com referências muito distantes não vai conseguir comunicar com a população a ser beneficiada;

- Os dados quantitativos e qualitativos mostram como as mulheres são as maiores responsáveis pelo cuidado das crianças de 0 a 6. Numa realidade de multitarefas, as mulheres acumulam cuidados com a casa e com as crianças e trabalhos informais. Se tiverem um local seguro para deixar as crianças, as possibilidades de melhoria de vida dessas mulheres podem aumentar. Nesse sentido, é fundamental ampliar a rede de creches ou ampliar as vagas nas creches existentes.

- As mulheres da periferia possuem estratégias coletivas de cuidado das crianças e redes de trocas de favores que possibilitam que elas trabalhem, cuidem dos filhos, realizem afazeres domésticos fora de casa. São soluções criativas para compensar a ausência de creches. Portanto, uma recomendação é identificar essas redes e subsidiar com insumos, com remuneração, com qualificação para que essas soluções não onerem a vidas das mulheres.

- Tal como vemos no exemplo do Mais Vida nos Morros, em que a primeira infância extrapola o clássico dueto Saúde-Educação, percebemos como o tema deve ser inserido de maneira ampliada nos diferentes setores das políticas públicas. A Secretaria-Executiva de Inovação Urbana tem total capacidade de encabeçar esse diálogo.

INTERAÇÃO COM OS PAIS

- Há uma grande demanda de atividades para crianças e creches.

- Estimular brincadeiras com as crianças, em um contexto em que as mulheres estão sobrecarregadas pelo trabalho reprodutivo e produtivo, pode significar uma intensificação da jornada de trabalho feminina.

- É necessário criar espaços de lazer para as crianças que também sejam lugares de bem-estar e convivência para as mães.

- Investir em melhorar os trajetos que ligam os bairros às áreas públicas dos arredores onde se costumam levar as crianças para brincar e ter momentos de lazer em família (rotas com calçadas e vias acessíveis).

- Investir na qualidade e conforto dos equipamentos e mobiliários das áreas de lazer, principalmente naqueles destinados às crianças para estimular o uso dos espaços no próprio território e dar acesso a lazer de qualidade aos públicos infantis em diferentes faixas etárias.

- É preciso promover ações que visem transformar os modelos de gênero internalizado. Por exemplo, incentivando os pais também a cuidar e a brincar com as crianças.

- Há uma noção de infância abreviada que as culturas periféricas têm, em geral, porque há necessidade de trabalhar quando são crianças para complementar a renda familiar. A expectativa sobre as atividades na primeira infância varia de acordo com a realidade local, classe social e condições financeiras do cuidador. É preciso indicar caminhos de construção de repertórios lúdicos para o adulto que não teve acesso na infância e poder estreitar os vínculos com os filhos através das brincadeiras.

COMO O PROGRAMA MVNM É VISTO

- Estabelecimento de fluxos de cooperação interinstitucional com órgãos estratégicos da municipalidade tanto para garantir cooperação na execução de ações do Programa quanto para estimular a ampliação das intervenções de outros órgãos nos territórios.

- Buscar maior autonomia financeira para o Programa através de maior investimento público.

- Qualificar as ações comunicativas do Programa pensando estratégias voltadas para o reconhecimento do mesmo nos territórios de atuação.

- Construção de fluxos de trabalho que viabilizem mais trocas entre os diferentes eixos de ação do Programa para que a equipe consiga ter uma noção mais ampla do todo.

- Promover um alinhamento da equipe acerca dos eixos prioritários do Programa.

- Estabelecer processos de escuta qualificada e estratégias de tomada de decisão que potencializem os saberes locais para fortalecer o engajamento duradouro e o estabelecimento de relações de pertencimento da comunidade em relação ao projeto.

À MEDIDA QUE CRESCEM, A PREOCUPAÇÃO AUMENTA: JOVENS, UMA QUESTÃO SUBJACENTE

A preocupação com crianças mais velhas e adolescentes é um alerta que foi dado quando estávamos em campo. Os filhos mais velhos são mais independentes, não estão sob o mesmo controle da família e são mais vulneráveis. Em um contexto periférico, a rua é foco de várias vulnerabilidades e a preocupação com as crianças aumenta à medida que elas caminham pelo bairro (uso de drogas, risco de violência, etc.). Essas questões não são responsabilidades da Secretaria-Executiva de Inovação Urbana, então é necessário estabelecer um protocolo claro de ação intersetorial da prefeitura. Um diálogo integrado entre diferentes órgãos públicos.

Os adolescentes são vulneráveis a outros tipos de problemas na comunidade e apareceram, na pesquisa qualitativa, como a maior preocupação dos cuidadores. Às vezes, essa realidade se soma ao cuidado de crianças de diferentes idades na mesma família. Há, inclusive, uma expectativa que o MVNM volte à Lagoa Encantada e ao Buriti, por exemplo, com ações direcionadas à juventude. Essa outra demanda que vai necessitar articulação com outros setores públicos, visto que são demandas que variam de educação profissional, emprego e renda, lazer, questões sobre o uso de drogas ilícitas, etc.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS

ACTIVE HEALTHY KIDS AUSTRALIA. *Muscular Fitness: It's Time for a Jump Start. The 2018 Active Healthy Kids Australia Report Card on Physical Activity for Children and Young People*. Adelaide: Active Healthy Kids Australia. 2018

Fjørtoft, I. *The Natural Environment as a Playground for Children: The Impact of Outdoor Play Activities in Pre-Primary School Children.* Early Childhood Education Journal, Vol. 29, No. 2. 2001.

GEHL. *Public Space and Public Life Summary Recife.* Gehl People. 2020

GRAY, P. *The Decline of Play and the Rise of Psychopathology in Children and Adolescents.* American Journal of Play, V3 n4. 2011

HIRATA, H.; GUIMARÃES, N. D.. Orgs. *Cuidados e Cuidadoras As Várias Faces do Trabalho do Care.* Editora Atlas. São Paulo, 2012.

KERGOAT, D; HIRATAH. S. *Novas configurações da Divisão Sexual do Trabalho.* In: Cadernos de Pesquisa. Vol. 3, número 132. Pp. 595-609. Setembro/ dezembro, 2007.

MOORE, R. *Compact Nature: The Role of Playing and Learning Gardens on Children's Lives*. Journal of Therapeutic Horticulture, 8, 72-82. 1996.

PORTAL DA EDUCAÇÃO. *Mapa das unidades 2020.* (Acesso em novembro de 2020: http://www.portaldaeducacao.recife.pe.gov.br/unidade_map)

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. *Texto da Lei nº 13.257/2016.* (Acesso em novembro de 2020: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/lei/l13257.htm)

PYLE, R. *Eden in a Vacant Lot: Special Places, Species and Kids in Community of Life. Children and Nature: Psychological, Sociocultural and Evolutionary Investigations*. Cambridge: MIT Press. 2002.

SCAVONE, Lucila. *Maternidade: Transformações na família e relações de gênero.* In Interface Comunicação, Saúde, Educação. Vol.5, nº.8, p.47-60, 2001

SCOTT, P & QUADROS, M. *A diversidade do Ibura: gênero, geração e saúde num bairro popular do Recife*. Recife, Editora da Universidade Federal de Pernambuco, 2009. 269 páginas.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO, ESPORTE E LAZER DO RECIFE. *Rede Municipal de Ensino*. (Acesso em novembro de 2020: http://www.recife.pe.gov.br/educacao/redemunicipal.php)

TODOS PELA EDUCAÇÃO. *Primeira Infância: O que é e quais são os impactos na vida adulta.* 2018 (Acesso em novembro de 2020: https://todospelaeducacao.org.br/noticias/perguntas-respostas-o-que-voce-precisa-saber-sobre-primeira
infancia/#:~:text=Primeira%20Inf%C3%A2ncia%20%C3%A9%20o%20per%C3%ADodo,a%20essa%20etapa%20da%20vida.)

WHITZMAN, C., & MIZRACHI, D. *Vertical Living Kids: Creating Supportive High Rise Environments For Children.* Melbourne: The University of Melbourne. 2009

6. ANEXOS

Tabela 1 - Distribuição da Amostra por Comunidade (Frequência e percentual)

Comunidade	FREQUÊNCIA	PORCENTAGEM
Alto do Burity	222	34.3
Brasília Teimosa	338	52.2
Lagoa Encantada	88	13.6
Total	648	100.0

Tabela 2 - Distribuição por idade e sexo dos respondentes

	Sexo			
	Masculino		**Feminino**	
Qual a sua idade?	**Quantidade**	**%**	**Quantidade**	**%**
17 a 24 anos	24.0	3.7%	**59.0**	9.1%
25 a 34 anos	36.0	5.6%	**163.0**	25.2%
35 a 44 anos	26.0	4.0%	**139.0**	21.5%
45 a 59 anos	18.0	2.8%	**108.0**	16.7%
60 anos ou mais	9.0	1.4%	**64.0**	9.9%
Total	113.0	17.5%	**533.0**	**82.5%**

Tabela 3 - Distribuição da Amostra por Renda (Frequência e percentual)

Renda	Frequência	Porcentagem
Até 2 SM	569	96.4%
De 2,01 a 4 SM	15	2.5%
De 4,01 a 10 SM	6	1.0%
De 10,01 a 20 SM	0	0.0%
Acima de 20,01 SM	0	0.0%
Total Válido	**590**	**100.0%**
Não respondeu/Recusa	36	
Não sabe/Não lembra	22	
Total Missing	58	
Total	**648**	

Tabela 4 - Distribuição da Amostra por Renda e por comunidade (Frequência e percentual)

	Comunidade		
Atualmente, sua renda FAMILIAR é: (...)	Alto do Burity	Brasília Teimosa	Lagoa Encantada
	%	%	%
Até 2 SM	94.6%	98.7%	91.4%
De 2,01 a 4 SM	4.5%	0.6%	5.7%
De 4,01 a 10 SM	1.0%	0.6%	2.9%
De 10,01 a 20 SM	0.0%	0.0%	0.0%
Acima de 20,01 SM	0.0%	0.0%	0.0%
Total	100.0%	100.0%	100.0%

Tabela 5 - Distribuição da amostra por sexo (Frequência e percentual)

Sexo	Frequência	Porcentagem
Masculino	113	17.4
Feminino	535	82.6
Total	648	100.0

Tabela 6 - Distribuição da amostra por sexo e por comunidade (Frequência e percentual)

Sexo			
Comunidade		**Frequência**	**Porcentagem**
Alto do Burity	1. Masculino	25	11.3
	2. Feminino	197	88.7
	Total	222	100.0
Brasília Teimosa	1. Masculino	63	18.6
	2. Feminino	275	81.4
	Total	338	100.0
Lagoa Encantada	1. Masculino	25	28.4
	2. Feminino	63	71.6
	Total	**88**	**100.0**

Tabela 7 - Distribuição da amostra por vínculo com a criança por sexo (Frequência e percentual)

	Sexo			
Qual seu vínculo com essa criança?	**1. Masculino**		**2. Feminino**	
	Frequência	**%**	**Frequência**	**%**
Amigo(a) da família	0	**0.0%**	4	**0.6%**
Avô/Avó	24	**3.7%**	160	**24.7%**
Irmão/Irmã	10	**1.5%**	20	**3.1%**
Nenhum vínculo/trabalho	1	**0.2%**	5	**0.8%**
Pai/mãe	57	**8.8%**	318	**49.1%**
Tio/Tia	21	**3.2%**	28	**4.3%**
Total	**113**	**17.4%**	**535**	**82.6%**

Tabela 8 - Distribuição da amostra por vínculo com a criança por sexo e por comunidade (Frequência e percentual)

	Alto do Burity		Brasília Teimosa		Lagoa Encantada	
Qual seu vínculo com essa criança?	**1. Masculino**	**2. Feminino**	**1. Masculino**	**2. Feminino**	**1. Masculino**	**2. Feminino**
Amigo(a) da família	0	2	0	1	0	1
Avô/Avó	3	56	14	85	7	19
Irmão/Irmã	4	9	2	9	4	2
Nenhum vínculo/trabalho	0	2	1	1	0	2
Pai/mãe	13	121	35	165	9	32
Tio/Tia	5	7	11	14	5	7
TOTAL	**25**	**197**	**63**	**275**	**25**	**63**
TOTAL						**648**

Tabela 9 - Distribuição da amostra por vínculo com a criança por sexo no Alto do Buriti (percentual)

Comunidade = Alto do Buriti	Sexo	
Qual seu vínculo com essa criança?	**Masculino**	**Feminino**
Amigo(a) da família	0.0%	0.9%
Nenhum vínculo/trabalho	0.0%	0.9%
Tio/Tia	-2.3%	3.2%
Irmão/Irmã	-1.8%	4.1%
Avô/Avó	-1.4%	25.2%
Pai/mãe	-5.9%	54.5%

Tabela 10 - Distribuição da amostra por vínculo com a criança por sexo em Brasília Teimosa (percentual)

Comunidade = Brasília Teimosa	Sexo [Observado]	
Qual seu vínculo com essa criança?	**Masculino**	**Feminino**
Amigo(a) da família	0.0%	0.3%
Nenhum vínculo/trabalho	-0.3%	0.3%
Irmão/Irmã	-0.6%	2.7%
Tio/Tia	-3.3%	4.1%
Avô/Avó	-4.1%	25.1%
Pai/mãe	-10.4%	48.8%

Tabela 11 - Distribuição da amostra por vínculo com a criança por sexo em Lagoa Encantada (percentual)

Comunidade = Lagoa Encantada	Sexo [Observado]	
Qual seu vínculo com essa criança?	**Masculino**	**Feminino**
Amigo(a) da família	0.0%	1.1%
Irmão/Irmã	-0.5%	2.3%
Nenhum vínculo/trabalho	0.0%	2.3%
Tio/Tia	-0.7%	8.0%
Avô/Avó	-1.0%	21.6%
Pai/mãe	-1.2%	36.4%

Tabela 12 - Distribuição de número de filhos e idade (frequência e percentual)

	Todos	
IDADE	**N**	**%**
0 a 3 anos	390	37.9%
4 anos a 6 anos	455	44.3%
7 a 9 anos	78	7.6%
10 a 13 anos	69	6.7%
14 a 17 anos	36	3.5%
Total	1028	100.0%

Tabela 13 - Distribuição de número de filhos e idade no Alto do Buriti (frequência e percentual)

Idade	**Alto do Buriti**	
	N	**%**
0 a 3 anos	143	39.0%
4 anos a 6 anos	157	42.8%
7 a 9 anos	26	7.1%

10 a 13 anos	28	7.6%
14 a 17 anos	13	3.5%
Total	367	100.0%

Tabela 14 - Distribuição de número de filhos e idade em Brasília Teimosa (frequência e percentual)

Idade	Brasília Teimosa	
	N	%
0 a 3 anos	210	40.4%
4 anos a 6 anos	241	46.3%
7 a 9 anos	35	6.7%
10 a 13 anos	23	4.4%
14 a 17 anos	11	2.1%
Total	520	100.0%

Tabela 15 - Distribuição de número de filhos e idade em Lagoa Encantada (frequência e percentual)

Idade	Lagoa Encantada	
	N	%
0 a 3 anos	37	26.2%
4 anos a 6 anos	57	40.4%
7 a 9 anos	17	12.1%
10 a 13 anos	18	12.8%
14 a 17 anos	12	8.5%
Total	141	100.0%

Tabela 16 - Distribuição de número de filhos e idade em Lagoa Encantada (frequência e percentual)

USO DE ESPAÇOS PÚBLICOS	RESPOSTAS	
	N	%
1 a 3 vezes ao mês	263	5.8%
1 vez por semana	254	5.6%
2 a 4 vezes por semana	483	10.6%
5 a 6 vezes por semana	49	1.1%
Nunca	3235	71.3%
Todos os dias	252	5.6%
Total	4536	100.0%

Tabela 17 - Frequência de uso dos espaços públicos no Alto do Buriti (frequência e percentual)

Alto do Burity	Frequência	Porcentagem
1 a 3 vezes ao mês	110	7.1%
1 vez por semana	57	3.7%
2 a 4 vezes por semana	173	11.1%
5 a 6 vezes por semana	16	1.0%
Nunca	1155	74.3%
Todos os dias	43	2.8%
Total	1554	100.0%

Tabela 18 - Frequência de uso dos espaços públicos em Brasília Teimosa (frequência e percentual)

Brasília Teimosa	Frequência	Porcentagem
1 a 3 vezes ao mês	101	4.3%
1 vez por semana	141	6.0%
2 a 4 vezes por semana	242	10.2%
5 a 6 vezes por semana	29	1.2%
Nunca	1685	71.2%
Todos os dias	**168**	**7.1%**
Total	**2366**	**100.0%**

Tabela 19 - Frequência de uso dos espaços públicos em Lagoa Encantada (frequência e percentual)

Lagoa Encantada	Frequência	Porcentagem
1 a 3 vezes ao mês	52	8.4%
1 vez por semana	56	9.1%
2 a 4 vezes por semana	68	11.0%
5 a 6 vezes por semana	4	0.6%
Nunca	395	64.1%
Todos os dias	**41**	**6.7%**
Total	616	100.0%

Tabela 20 - Frequência de uso de determinados espaços públicos por crianças de 0 a 6 anos (percentual)

Quais espaços as crianças de 0 a 6 anos costumam usar e em que frequência?	Nunca	1 a 3 vezes ao mês	1 vez por semana	2 a 4 vezes por semana	5 a 6 vezes por semana	Todos os dias	Total
Praça	43.5%	13.4%	13.9%	23.5%	1.5%	4.2%	100.0%
Playground	42.3%	11.1%	14.5%	25.3%	1.5%	5.2%	100.0%
Campo de futebol	84.9%	4.2%	2.5%	6.0%	0.6%	1.9%	100.0%
Parcão	93.1%	2.6%	1.5%	0.6%	0.3%	1.9%	100.0%
Rua/Frente de casa	47.2%	6.2%	4.8%	17.4%	3.5%	20.8%	100.0%
Biblioteca	93.8%	1.4%	1.1%	0.9%	0.0%	2.8%	100.0%
Centro de Lazer/Compaz	94.4%	1.7%	0.9%	0.8%	0.0%	2.2%	100.0%

Tabela 21 – Pontos de vista sobre coleta seletiva, despejo adequado de lixo e serviço de segurança no bairro

Em uma escala de zero a 2, sendo 0- Não concordo, 1-concordo pouco, e 2 concordo muito, você diria que ...	Não concordo	Concordo pouco	Concordo muito:	Total
Separa seu lixo orgânico?	79.9%	14.4%	5.7%	100.0%
Separa seu lixo reciclável?	79.0%	14.5%	6.5%	100.0%
Consegue encontrar facilmente uma caçamba ou ecoestação para descartar os seus resíduos de CONSTRUÇÃO CIVIL (RCC)?	82.9%	13.7%	3.4%	100.0%
Está satisfeito(a) com a limpeza das ruas do seu bairro	44.6%	43.5%	11.9%	100.0%
Tem acesso fácil aos serviços que precisa para cuidar do(s) seus(s) filho(s) na sua comunidade/bairro.	46.8%	46.9%	6.3%	100.0%
Morar neste bairro contribui para uma boa qualidade de vida da sua família	30.2%	46.0%	23.8%	100.0%
Os moradores do seu bairro sentem-se próximos dos seus vizinhos	28.7%	47.1%	24.2%	100.0%
Os moradores do seu bairro sentem-se seguros aqui (no bairro)	44.8%	47.4%	7.9%	100.0%
Os moradores do bairro sentem-se seguros brincando com as crianças na rua	46.1%	46.1%	7.7%	100.0%
Você se sente seguro/a caminhando à noite no seu bairro	52.2%	40.7%	7.1%	100.0%

Tabela 22 – Experiências com a natureza vividas pelas crianças de 0 a 6 anos (frequência, percentual e percentual de casos)

Experiências com a natureza	Resposta	Porcentagem	Porcentagem de Casos
Visita a aquários e/ou similares	1	0.1%	0.2%
Visita a reserva ambiental	1	0.1%	0.2%
Experiência com seleção do lixo	2	0.2%	0.3%
Experiência com jardinagem	4	0.3%	0.6%
Visita a projeto ambiental	10	0.8%	1.5%
Visita a parque ecológico	21	1.6%	3.2%
Visita a zoológico	247	19.1%	38.1%
Não sabe/Não respondeu	1010	77.9%	155.9%
Total	1296	100.0%	200.0%

Tabela 23 – Ponto de vista se o contato com a natureza em seu bairro é suficiente (frequência, percentual e percentual válido)

Na sua visão, o contato com a natureza no seu bairro é	Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida
Nada suficiente	322	49.7%	49.7
Pouco suficiente	283	43.7%	43.7
Suficiente	43	6.6%	6.6
Total	648	100.0	100.0

Tabela 24 – Avaliação de serviços públicos nos locais mais frequentados com crianças de 0 a 6 anos (percentual)

Pensando no lugar que você mais frequenta no seu bairro [não precisa ser o favorito, e sim o mais frequentado] para lazer com as crianças de 0 a 6 anos, como você avalia os seguintes itens? Existência de:	Muito ruim	Ruim	Bom	Excelente	Não sabe/Não respondeu
Locais com sombra e ventilação	9.4%	4.8%	15.9%	2.6%	67.3%
Árvores e plantas	9.9%	6.3%	17.9%	2.5%	63.4%

Tabela 25 – Três problemas principais que impedem o uso dos espaços da comunidade (percentual)

Para você, quais os três principais problemas que impedem você e sua família de usar os espaços da comunidade?	*1º*	*2º*	*3º*	*Total*
Distância da sua casa	*4.3%*	*0.2%*	*0.2%*	*4.8%*
Dificuldade de acesso	*4.3%*	*0.3%*	*0.3%*	*4.9%*
Ausência de outras famílias	*4.4%*	*0.3%*	*0.2%*	*5.0%*
Falta de Locais com sombra e ventilação	*4.4%*	*0.4%*	*0.5%*	*5.3%*
Ausência de Local para trocar fraldas	*4.6%*	*0.4%*	*0.4%*	*5.4%*
Falta de Calçadas e rampas de acesso para pedestres	*4.6%*	*0.2%*	*0.7%*	*5.5%*
Falta de Bancos e mesas multiuso	*4.4%*	*1.1%*	*0.3%*	*5.8%*
Falta de Banheiros	*5.2%*	*0.5%*	*3.0%*	*8.7%*
Falta Espaço controlado para crianças menores	*4.8%*	*2.6%*	*2.1%*	*9.5%*
Ausência de Brinquedos/parquinho para crianças menores	*6.0%*	*5.7%*	*1.6%*	*13.3%*
Sujeira e má conservação	*5.4%*	*3.6%*	*4.4%*	*13.4%*
Falta de Segurança	*14.4%*	*1.3%*	*2.8%*	*18.5%*

Tabela 26 – Percepção do bairro sobre sentir-se seguro brincando na rua (frequência, percentual, percentual válido e percentual cumulativo)

Em uma escala de zero a 2, sendo 0- Não concordo, 1- concordo pouco, e 2 concordo muito, você diria que ... [Os moradores do bairro sentem-se seguros brincando com as crianças na rua]	Frequência	Porcentagem	Porcentagem Válida	Porcentagem Cumulativa
Não concordo	299	46.1	46.1	46.1
Concordo pouco	299	46.1	46.1	92.3
Concordo muito:	50	7.7	7.7	100.0
Total	648	100.0	100.0	

Tabela 27 – Percepção do bairro sobre sentir-se seguro brincando na rua por comunidade (percentual)

Os moradores do bairro sentem-se seguros brincando com as crianças na rua	Comunidade			
	Alto do Burity	Brasília Teimosa	Lagoa Encantada	Geral
Não concordo	41.0%	46.7%	56.8%	46.1%
Concordo pouco	49.5%	46.2%	37.5%	46.1%
Concordo muito	9.5%	7.1%	5.7%	7.7%

Tabela 28 – Frequência de brincadeiras das crianças (frequência e percentual)

Frequência de brincadeiras das crianças	N	%
Nunca	3235	71.3%
1 a 3 vezes ao mês	263	5.8%
1 vez por semana	254	5.6%
2 a 4 vezes por semana	483	10.6%
5 a 6 vezes por semana	49	1.1%
Todos os dias	252	5.6%
Total	4536	100.0%

Tabela 29 – Quais espaços as crianças de 0 a 6 anos costumam usar? (percentual)

Quais espaços as crianças de 0 a 6 anos costumam usar?	Nunca	1 a 3 vezes ao mês	1 vez por semana	2 a 4 vezes por semana	5 a 6 vezes por semana	Todos os dias
Centro de Lazer (como Compaz)	94.4%	1.7%	0.9%	0.8%	0.0%	2.2%
Biblioteca	93.8%	1.4%	1.1%	0.9%	0.0%	2.8%
Parcão	93.1%	2.6%	1.5%	0.6%	0.3%	1.9%
Campo de futebol	84.9%	4.2%	2.5%	6.0%	0.6%	1.9%
Rua/Frente de casa	47.2%	6.2%	4.8%	17.4%	3.5%	20.8%
Praça	43.5%	13.4%	13.9%	23.5%	1.5%	4.2%
Parquinho infantil (playground)	42.3%	11.1%	14.5%	25.3%	1.5%	5.2%

INDICADORES ITDP

ITDP SEGURANÇA	Os moradores do seu bairro sentem-se seguros aqui (no bairro)	Os moradores do bairro sentem-se seguros brincando com as crianças na rua	Você se sente seguro/a caminhando à noite no seu bairro	indicador	Classificação
Média Geral	1.63	1.62	1.55	1.60	Bom
Alto do Burity	1.66	1.68	1.62	1.65	Bom
Brasília Teimosa	1.64	1.60	1.52	1.59	Bom
Lagoa Encantada	1.50	1.49	1.49	1.49	Bom

ITDP MOBILIDADE	Eu gosto de me deslocar a pé quando estou com o(s) meu(s) filho(s).	Eu gosto de me deslocar a pé quando estou sozinha/o.	Eu me desloco a pé mesmo quando tenho dinheiro para pagar outro modo de transporte.	Eu gosto de andar de ônibus quando estou com o(s) meu(s) filho(s).	Eu gosto de andar de bicicleta quando estou com o(s) meu(s) filho(s).	indicador	Classificação
Média Geral	1.63	1.67	1.27	1.24	1.24	1.41	Bom
Alto do Burity	1.64	1.68	1.28	1.19	1.15	1.39	Bom
Brasília Teimosa	1.66	1.71	1.30	1.31	1.34	1.46	Bom
Lagoa Encantada	1.44	1.47	1.11	1.10	1.07	1.24	Bom

ITDP BEM ESTAR	Tem acesso fácil aos serviços que precisa para cuidar do(s) seus(s) filho(s) na sua comunidade/bairro.	Morar neste bairro contribui para uma boa qualidade de vida da sua família	Os moradores do seu bairro sentem-se próximos dos seus vizinhos	indicador	Classificação
Média Geral	1.60	1.94	1.96	1.83	Bom
Alto do Burity	1.62	1.99	2.08	1.90	Ótimo
Brasília Teimosa	1.59	1.95	1.92	1.82	Bom
Lagoa Encantada	1.57	1.75	1.78	1.70	Bom

ITDP GESTÃO DE RESÍDUOS	Separa seu lixo orgânico?	Separa seu lixo reciclável?	Consegue encontrar facilmente uma caçamba ou ecoestação para descartar os seus resíduos de CONSTRUÇÃO CIVIL (RCC)?	indicador	Classificação
Média Geral	1.26	1.27	1.21	1.25	Bom
Alto do Burity	1.20	1.21	1.14	1.18	Suficiente
Brasília Teimosa	1.36	1.38	1.28	1.34	Bom
Lagoa Encantada	1.01	1.06	1.06	1.04	Suficiente

Tabela 30 – Opinião sobre separação de lixo e presença de ecoestações no bairro (percentual)

	Não concordo	Concordo pouco	Concordo muito
Separa seu lixo orgânico?	79.9%	14.4%	5.7%
Separa seu lixo reciclável?	79.0%	14.5%	6.5%
Consegue encontrar facilmente uma caçamba ou ecoestação para descartar os seus resíduos de Construção Civil (RCC)?	82.9%	13.7%	3.4%

Tabela 31 – Presença de lixeiras no lugar mais frequentado do bairro com as crianças de 0 a 6 anos (frequência, percentual, percentual válido e percentual cumulativo)

Pensando no lugar que você mais frequenta no seu bairro [não precisa ser o favorito, e sim o mais frequentado] para lazer com as crianças de 0 a 6 anos, como você avalia os seguintes itens? Existência de: [Lixeiras]				
	Frequência	Porcentagem	Porcentagem Válida	Porcentagem Cumulativa
Muito ruim	114	17.6	17.6	17.6
Ruim	44	6.8	6.8	24.4
Bom	28	4.3	4.3	28.7
Excelente	5	0.8	0.8	29.5
NS/NR/NA	457	70.5	70.5	100.0
Total	648	100.0	100.0	

Tabela 32 – Presença do serviço de coleta de lixo no bairro (Frequência, percentual, percentual válido e percentual cumulativo)

Em sua rua, há serviço de coleta de lixo?				
	Frequência	Porcentagem	Porcentagem Válida	Porcentagem Cumulativa
1. Sim	645	99.5	99.5	99.5
2. Não	3	0.5	0.5	100.0
Total	648	100.0	100.0	

Tabela 33 – Frequência do serviço de coleta de lixo no bairro (Frequência, percentual, percentual válido e percentual cumulativo)

A coleta de lixo ocorre de quanto em quanto tempo?[Apenas se a resposta anterior tiver sido "sim"]				
	Frequência	Porcentagem	Porcentagem Válida	Porcentagem Cumulativa
1. Uma vez na semana	1	0.2	0.2	0.2
2. De 2 a 4 vezes na semana	18	2.8	2.8	2.9
3. De 5 a 6 vezes na semana	171	26.4	26.4	29.3
4. Todos os dias	455	70.2	70.2	99.5
99. NS/NR	3	0.5	0.5	100.0
Total	648	100.0	100.0	

Tabela 34 – Local de despejo do lixo (Frequência e percentual)

Onde você despeja o lixo da sua casa?	Frequência	Porcentagem
Em um coletor público	4	0.6%
Em uma lixeira	21	3.2%
Na frente de casa	503	77.7%
Na rua	119	18.4%
Total	647	100%
99. Não sei	1	0.2%

Tabela 35 – Ponto de vista sobre hábitos com crianças de 0 a 6 anos (Percentual)

Ainda usando a mesma escala (de zero a 2), você pode me dizer 0- Não concordo, 1- concordo pouco, e 2 concordo muito, ok?	Não concordo	Concordo pouco	Concordo muito:
Eu gosto de me deslocar a pé quando estou com o(s) meu(s) filho(s).	48.0%	41.5%	10.5%
Eu gosto de me deslocar a pé quando estou sozinha/o.	42.9%	47.5%	9.6%
Eu me desloco a pé mesmo quando tenho dinheiro para pagar outro modo de transporte.	77.6%	17.7%	4.6%
Eu gosto de andar de ônibus quando estou com o(s) meu(s) filho(s).	78.9%	18.1%	3.1%
Eu gosto de andar de bicicleta quando estou com o(s) meu(s) filho(s).	78.7%	18.5%	2.8%